

MESTRADO

JORGE LUIS DA SILVA NASCIMENTO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SÍNDROME DE
BURNOUT POR PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE
JANEIRO EM SITUAÇÃO DE READAPTAÇÃO**

2017



Estácio

Avenida Presidente Vargas, 642, 22º andar, Centro.

20071 – 001. Rio de Janeiro – RJ

Telefones (21) 2206-9741 / 2206-9742 / 2206-9743

JORGE LUIS DA SILVA NASCIMENTO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SÍNDROME DE BURNOUT POR
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO
DE JANEIRO EM SITUAÇÃO DE READAPTAÇÃO**

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em Educação, da Universidade
Estácio de Sá, como requisito para
obtenção do grau de Mestre em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Pereira Lima
Linha de Pesquisa: Representações Sociais e Práticas Educativas

Rio de Janeiro
2017

JORGE LUIS DA SILVA NASCIMENTO



Universidade Estácio de Sá
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A dissertação

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SÍNDROME DE BURNOUT POR PROFESSORES
DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO
EM SITUAÇÃO DE READAPTAÇÃO**

elaborada por

JORGE LUIZ DA SILVA NASCIMENTO

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rita de Cássia Pereira Lima
Presidente e Orientador
Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Márcio Silveira Lemgruber
Universidade Estácio de Sá

Profª Drª Christiane Leal Corrêa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Aos professores participantes desta pesquisa. Tanto aqueles que se mantêm firmes na sua profissão de educar quanto aqueles que, atingidos em sua saúde, já não podem mais exercer seu trabalho em sala de aula, atuando nos bastidores da escola, em situação de readaptação, os quais foram os principais sujeitos deste estudo.

À Profa. Dra. Rita Lima, minha orientadora, com a certeza de que sem seus ensinamentos e parceria seria impossível a realização deste trabalho.

Ao Prof. Jorge Atílio (*in memoriam*), pelo exemplo e inspiração desde os tempos da UGF.

A todos os mestres que tive o prazer de conviver durante esses dois longos anos.

Aos companheiros e companheiras do mestrado pelo respeito, dedicação e incentivo.

A Profa. Christiane Leal, que me acompanhou nos primeiros passos desta pesquisa.

A todos os funcionários da secretaria do Mestrado, pelo carinho e paciência.

Ao meu filho, Dr. Jorge Henrique, por ter me ajudado a vencer os obstáculos.

À minha querida esposa Leila, pelos momentos que deixamos de vivenciar.

Um agradecimento especial Prof. Dr. Tarso Mazzotti, Coordenador Programa de Pós-Graduação em Educação e à UNESA, me honraram com uma bolsa de estudos Capes/Prosop integral por três longos semestres.

“A maior das vitórias é quando podemos compartilhar a maior conquista. As conquistas mais importantes são aquelas que semeamos e colhemos juntos”.

Martha Tolfo

N244r Nascimento, Jorge Luis da Silva
Representações sociais da síndrome de Burnout por
professores do ensino fundamental de escolas públicas do
Rio de Janeiro em situação de readaptação. / Jorge Luis da
Silva Nascimento. – Rio de Janeiro, 2017.
35 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)
– Universidade Estácio de Sá, 2017.

1. Educação. 2. Síndrome de Burnout. I. Título.

CDD 370

RESUMO

O trabalho do professor tem características que, frequentemente, o expõe a situações diversas: precárias condições de trabalho, multiplicidade de tarefas, perda de autonomia, falta de diálogo com gestores da escola e familiares de alunos, falta de valorização do trabalho realizado, indisciplina dos alunos, baixos salários e imagem negativa da opinião pública. Esses fatores, quando persistentes, podem levar à Síndrome de Burnout, que é um fenômeno em expansão na atualidade, conhecido como “esgotamento profissional”, “estresse existencial”, “estresse profissional”, entre outros. Esse quadro justifica o presente estudo, que teve como objetivo investigar representações da Síndrome de Burnout por professores do Ensino Fundamental afastados de sala de aula e que permanecem desenvolvendo atividades administrativas nas escolas, em situação de readaptação. A pesquisa baseou-se em trabalhos sobre a Síndrome de Burnout na área educacional e teve como referencial teórico-metodológico a abordagem moscoviana das Representações Sociais. Quanto aos aspectos metodológicos, a abordagem foi quanti-qualitativa. Participaram, na primeira fase do estudo, 100 professores, de 10 escolas do Rio de Janeiro, que responderam ao Inventário de Burnout de Maslach. Trata-se de um instrumento de medida construído em forma de questionário, em uma perspectiva tridimensional: “esgotamento emocional”, “realização pessoal no trabalho” e “despersonalização”. Os resultados da análise apontaram sinais de Burnout entre 15% a 30% dos docentes, classificados com índice alto, médio e baixo. Em seguida foram realizadas entrevistas semidirigidas com 14 professores readaptados, afastados de sala de aula tanto por fatores físicos quanto emocionais. A análise de conteúdo temática de suas falas baseou-se em dois temas-chave e respectivas categorias: “Readaptação do docente” (“trabalho anterior”, “trabalho atual”, “razões para mudança de atividade”) e “Síndrome de Burnout: aspectos médicos, psicológicos e sociais” (“informações”, “causas”, “prevenção”). Respostas à seguinte questão de “indução de metáforas” foram fundamentais para a análise, reforçando o conteúdo das entrevistas: “Se a síndrome de Burnout pudesse ser outra coisa, o que seria? Pode ser um animal, um vegetal, um mineral, por exemplo. Justifique”. Os resultados expressam um modelo figurativo da representação social de Burnout para o grupo que tem como elemento organizador o “sofrimento físico e emocional” (objetivação), associado a “impotência que paralisa”, “sentimento de abandono”, “abatimento”, “apatia”, “maltrato”, “medo”. Os sujeitos se sentem “atacados” não só na mente, mas no corpo também. Propõe-se, como uma pista para a ancoragem, a busca do enraizamento desse sofrimento na situação de readaptação. Vários reconheceram a síndrome em si mesmos, o que demanda atenção das escolas quanto a enfrentar o mal-estar de profissionais em seu cotidiano, que muitas vezes remete a um problema de saúde. Faz-se necessário, portanto, maior compreensão sobre as circunstâncias em que se encontram essas pessoas no interior do espaço escolar e reflexões sobre o modo como podem ser melhor amparadas.

Palavras-chave: Representações Sociais. Síndrome de Burnout. Professores do Ensino Fundamental. Readaptação.

ABSTRACT

The teacher's work has characteristics that often expose him to different situations: precarious work conditions, multiplicity of tasks, increased cognitive demands, loss of autonomy, lack of dialogue with school managers and students' families, lack of Work done, student indiscipline, low salaries and negative image of public opinion. These factors, when persistent, can lead to Burnout Syndrome, which is a phenomenon that is currently expanding, known as "professional exhaustion", "existential stress", "professional stress", among others. This framework justifies the present study, which aims to investigate representations of Burnout Syndrome by Elementary School teachers away from the classroom and who continue to develop administrative activities in schools, in a situation of readaptation. The research is based on works on Burnout Syndrome in the educational area and has as a theoretical-methodological reference the Moscovician approach to Social Representations. As for the methodological aspects, the approach was quanti-qualitative. In the first phase of the study, 100 teachers from 10 schools in Rio de Janeiro attended the Maslach Burnout Inventory. It is a measurement instrument constructed in the form of a questionnaire, in a three-dimensional perspective: "emotional exhaustion", "personal fulfillment at work" and "depersonalization". The results of the analysis showed signs of Burnout in approximately 15% a 30% of teachers. Semi-structured interviews were then conducted with 14 readapted teachers, away from the classroom, both by physical and emotional factors. The thematic content analysis of his speeches was based on two key themes and their respective categories: "Teacher readaptation" ("previous work", "current work", "reasons for changing activity") and "Burnout Syndrome: Medical, psychological and social aspects" (" information ", " causes ", " prevention "). Answers to the following question of "inducing metaphors" were central to the analysis, reinforcing the content of the interviews: "If Burnout Syndrome could be something else, what would it be? It can be an animal, a vegetable, a mineral, for example. Justify. " The results express a figurative model of the Burnout social representation for the group that has as its organizing element the "physical and emotional suffering" (objectification), associated with "paralyzing impotence", "feeling of abandonment", "despondency", "apathy ", " Abuse ", " fear ". Subjects feel "attacked" not only in the mind, but in the body as well. It is proposed, as a clue to the anchorage, the search of the rooting of this suffering in the situation of readaptation. Several have recognized the Syndrome in themselves, which demands attention of the schools as to face the malaise of professionals in their daily life, which often refers to a health problem. There is a need, therefore, for a better understanding of the circumstances surrounding these people within the school and reflections on how they can best be protected.

Keywords: Social representations. Burnout syndrome. Teachers of Elementary School. Readaptation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Comparativo dos resultados do percentual de professores que apresentam Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Pessoal, em nível alto, médio e baixo.....	56
Gráfico 2	Resultados da Escola 1.....	57
Gráfico 3	Resultados da Escola 2.....	57
Gráfico 4	Resultados da Escola 3.....	58
Gráfico 5	Resultados da Escola 4.....	58
Gráfico 6	Resultados da Escola 5.....	58
Gráfico 7	Resultados da Escola 6.....	58
Gráfico 8	Resultados da Escola 7.....	59
Gráfico 9	Resultados da Escola 8.....	59
Gráfico 10	Resultados da Escola 9.....	59
Gráfico 11	Resultados da Escola 10.....	59

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	Categorias e subcategorias do tema 1.....	52
Quadro 2	Categorias e subcategorias do tema 2.....	53
Quadro 3	Metáforas e significados.....	65
Figura 1	Modelo Figurativo da representação social de Burnout por professores de escolas públicas em situação de readaptação – uma hipótese interpretativa.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relatório do questionário de estresse em professores - Inventário de Burnout de Maslach (MBI).....	55
Tabela 2	Categorias, subcategorias e frequências do tema Readaptação do Docente.....	61
Tabela 3	Categorias, subcategorias e frequências do tema Síndrome de Burnout.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS

CFM	Conselho Federal de Medicina
CID	Classificação Internacional de Doença
CNTE	Conselho Nacional de Trabalhadores na Educação
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
INSS	Instituto Nacional de Previdência Social
ISMA	<i>Internacional Stress Management Association</i>
MBI	<i>Maslack Burnout Inventory</i>
MS	Ministério da Saúde
RGPS	Regime Geral da Previdência Social
RPPS	Regime Próprio de Previdência Social
RS	Representação Social
SB	Síndrome de Burnout
TRS	Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
1.2	OBJETIVO GERAL.....	20
1.3	QUESTÕES DE PESQUISA.....	21
1.4	JUSTIFICATIVA.....	21
1.5	BASES TEÓRICAS DA PESQUISA.....	23
2	SINDROME DE BURNOUT: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	27
2.1	CONDIÇÕES ATUAIS DE TRABALHO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E A SÍNDROME DE BURNOUT.....	27
2.1.1	Caracterização da Síndrome de Burnout como Doença do Trabalho.....	29
2.1.2	Professores Doentes Afastados por Licença Médica ou Readaptados.....	34
2.1.3	A Readaptação do Professor.....	35
3	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	39
3.1	A Expansão da Teoria das Representações Sociais.....	42
3.2	As Representações Sociais e o Processo Educativo.....	46
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
4.1	TIPO DE PESQUISA.....	48
4.2	COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	49
4.3	SUJEITOS DA PESQUISA.....	50
4.4	TRATAMENTOS DOS DADOS.....	51
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	55
5.1	PRIMEIRA FASE - ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE BURNOUT DE MASLACH.....	55
5.2	SEGUNDA FASE - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	60
5.2.1	Tema 1 - Readaptação do Docente.....	60
5.2.2	Tema 2 - Síndrome de Burnout.....	62
5.2.3	Quadro de Metáforas.....	64

5.3 O MODELO FIGURATIVO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE BURNOUT PELOS PROFESSORES READAPTADOS.....	66
5.4 DISCUSSÃO.....	67
6.CONCLUSÕES.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICES.....	87
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	87
APÊNDICE B - INVENTÁRIO DE BURNOUT DE MASLACH (MBI) – VERSÃO PARA PROFESSORES.....	88

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda o contexto da pesquisa a ser realizada, o objetivo geral, as questões de estudo, sua justificativa, assim como alguns aspectos do quadro teórico.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O trabalho do professor possui características que o expõem a fatores estressantes como precárias condições de trabalho, multiplicidade de tarefas, aumento de exigências cognitivas, perda de autonomia, falta de diálogo com administradores e familiares de alunos, falta de valorização no trabalho realizado, indisciplina dos alunos e baixos salários, imagem negativa da opinião pública. Esses fatores, quando persistentes, podem levar à Síndrome de Burnout, que é um fenômeno em expansão na atualidade. Esta síndrome, também conhecida como esgotamento profissional no Brasil, tem recebido diferentes denominações, como estresse existencial e estresse profissional, entre outros (GIL-MONTE, 2005).

O primeiro a designar o estresse profissional e os sintomas da Síndrome de Burnout foi o psicanalista Freudenberg (1974), nos Estados Unidos, a partir da observação do comportamento de voluntários que prestavam serviço em uma clínica de usuários de droga em Nova York. Com base nos estudos de Freudenberg (1974), Maslach e Jackson (1981) definem a Síndrome de Burnout em uma perspectiva tridimensional: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional.

Maslach (1993) afirma que a exaustão emocional se caracteriza por um sentimento forte de tensão emocional. Já a despersonalização é o resultado do desenvolvimento de atitudes negativas e de distanciamento dos profissionais em relação às pessoas que se beneficiam dos seus serviços. Por fim, a diminuição da

realização profissional está associada ao sentimento de incompetência no trabalho. Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) reforçam essa ideia, afirmando que esta síndrome é um fenômeno psicossocial que surge como resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos na situação de trabalho, sendo constituído pelas três dimensões já citadas, porém, de maneira independente.

Em estudo realizado por Maslach, Jackson e Leiter (1996), nos Estados Unidos, a exaustão emocional foi considerada a dimensão central encontrada em professores do Ensino Fundamental e Médio. De acordo com os autores, esta é a dimensão precursora da síndrome. A dimensão despersonalização é o elemento essencial para caracterizar Burnout, sendo vários os sintomas atribuídos à síndrome, que podem ser divididos em quatro categorias: físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos. Os sintomas mais comuns e que geralmente aparecem associados são: dor de cabeça, tonturas, tremores, falta de ar, oscilação do humor, distúrbio do sono, dificuldade de concentração, problemas digestivos, agressividade e depressão.

A forma como se desenvolve o processo de Burnout é bastante diversificada, sendo um processo multifatorial, havendo dificuldades em se estabelecer um consenso entre os autores quanto à definição e os modelos explicativos. Maslach e Jackson (1981) afirmam, como já citado, que a síndrome de Burnout é composta de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional. Já Codo e Menezes (2015) sugerem que a síndrome de Burnout é constituída de quatro dimensões que envolvem a ilusão no trabalho, o desgaste psíquico, a indolência e a culpa.

Estudos como os de Queiroz e Carlotto (2010) e Gonçalves et al. (2011) reforçam que os profissionais da educação pertencem à categoria mais afetada pela Síndrome de Burnout, sendo comparados somente aos profissionais de saúde. Considerando o caráter epidemiológico da síndrome, também é possível supor que pessoas de outras profissões possam ser acometidas por Burnout, como bombeiros, policiais e profissionais de saúde. Os autores se referem a pesquisas que mostram que mesmos aqueles que não se encontram acometidos por Burnout apresentam predisposição para desenvolver esse problema. De forma geral, os resultados convergem para a incidência e prevalência da síndrome nos profissionais de saúde e educação, bastante expostos ao estresse, constituindo-se em grupos vulneráveis.

De acordo com os autores, é possível observar o desconhecimento, por parte dos profissionais de educação, em relação ao Burnout, podendo estar relacionado ao número insuficiente de pesquisas, tanto no nível internacional quanto no nacional (CARVALHO; MAGALHÃES, 2011).

Carlotto e Câmara (2008, p. 10) afirmam: “[...] embora pesquisas sobre Burnout tenham uma longa tradição na América do Norte e Europa, no Brasil ainda encontramos poucos estudos sobre a temática”. Na época em que fizeram o estudo, os autores verificaram ser incipiente a produção científica brasileira sobre a síndrome de Burnout, tanto em quantidade como nos resultados já obtidos, propondo mais estudos que pudessem investigar, principalmente, as relações entre Burnout e os fatores associados.

Benevides-Pereira (2010) também enfatiza a necessidade de estudos e de pesquisas nacionais mais abrangentes, para se conhecer melhor a realidade brasileira e a forma como o Burnout se insere na cultura do país.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) reconhece a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho, que afetam os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, entre outros.

Em vigor desde 2004, a Política Nacional de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde (BRASIL, 2004) visa à redução dos acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, mediante a execução de ações de promoção, reabilitação e vigilância na área de saúde. Suas diretrizes, descritas na Portaria Nº 1125, de 6 de julho de 2005 (BRASIL, 2005), compreendem a atenção integral à saúde, a articulação intra e intersetorial, a estruturação da rede de informações em Saúde do Trabalhador, o apoio a estudos e pesquisas, a capacitação de recursos humanos e a participação da comunidade na gestão dessas ações.

Sobre o Burnout em professores, Jbeili (2008) afirma que

[...] o ato de ensinar é constituído de peculiaridades geradoras de estresse e de alterações de comportamento, expondo os professores a uma degeneração progressiva da sua saúde mental com repercussões físicas, sendo a principal categoria atingida pela síndrome de Burnout. (JBEILI, 2008, p. 3).

Para o autor, falta a esses professores tomada de consciência, divulgação e apropriação da situação. O autor faz referência a uma pesquisa realizada com mais de oito mil professores da educação básica da rede pública da região centro-oeste do Brasil, constatando que 15,7% dos entrevistados apresentam sintomas da síndrome, que reflete intenso sofrimento causado por estresse laboral crônico.

Mazon, Carlotto e Camara (2008) também demonstraram que a categoria docente é uma das mais expostas aos ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho. Estressores psicossociais, como precárias condições de trabalho, multiplicidade de tarefas, perda de autonomia, falta de diálogo com a direção, dificuldades na relação com familiares dos alunos, falta de valorização no trabalho realizado, indisciplina dos alunos, baixos salários, ritmo intenso de trabalho em várias escolas e imagem negativa da opinião pública estão constantemente presentes e atuando sobre a saúde docente. O estresse ocupacional é consequência das atividades desenvolvidas em suas jornadas de trabalho, levando ao adoecimento, absenteísmo, afastamento prolongado e abandono da profissão. Segundo os autores, torna-se fundamental conhecer e divulgar melhor o assunto, contribuindo para sua prevenção.

A literatura sugere que a prevalência de Burnout em professores pode ser situada entre 10% e 30% (GIL-MONTE; CARLOTTO; CÂMARA, 2011).

Batista, Carlotto e Coutinho (2010) realizaram uma pesquisa com o objetivo de avaliar a prevalência da Síndrome de Burnout em professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental das escolas municipais da cidade de João Pessoa - PB. Os resultados do estudo, que se basearam na perspectiva tridimensional de Maslach e Jackson (1981) já citada, evidenciaram que 33,6% dos professores apresentaram alto nível de exaustão emocional, 8,3% alto nível de despersonalização e 43,4% baixo nível de realização profissional. Os resultados indicam, de acordo com os autores, a importância do entendimento e o reconhecimento dessa doença ocupacional para a inclusão do professor nas medidas de políticas públicas voltadas para a saúde e bem-estar da categoria.

Nesse contexto, muito tem sido falado sobre a Síndrome de Burnout nas escolas, porém sem consenso, pois os próprios professores ainda não sabem definir exatamente o seu significado (GIL-MONTE, 2005). Os estudos citados, como os de

Maslach e Jackson (1981) e os de Codo e Menezes (2015), divergem sobre as dimensões da síndrome. Esta indefinição quanto a um tema ameaçador, que atinge a categoria dos professores, podendo fazê-los pensar a respeito, é propícia para a elaboração de uma teoria do senso comum ou de representações sociais, que são construídas pelos grupos em ambientes de interação e de comunicação.

Pode-se supor que a síndrome tende a ser tema de comunicação entre grupos que compõem o universo escolar, e isso incita nos professores, principalmente aqueles acometidos pela síndrome, a construção de um conhecimento do senso comum que pode ser derivado de conhecimentos científicos, em geral veiculados por mídias ou meios de comunicação, produzidos por especialistas que a estudam, especialmente das áreas médica e psicológica. Entende-se que pode haver, desta maneira, a construção de um conhecimento do senso comum pelos professores, que tem como parâmetro o conhecimento produzido por tais especialistas.

Para estudar a relação entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, uma das opções teórico-metodológicas é a Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Serge Moscovici e adotada nesse estudo. Segundo o autor, a

Representação social é um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual. (MOSCOVICI, 2009, p. 21).

O levantamento da literatura relacionando Síndrome de Burnout e Representações Sociais mostrou que ainda são necessários estudos internacionais e nacionais envolvendo o tema. A Síndrome de Burnout não apareceu nessas pesquisas como objeto de pesquisa de Representação Social, mas como resultados de investigações cujos objetivos eram a verificação da Representação Social (RS) de outros objetos, como “a psicologia do trabalho” (SANTOS, 2010).

Somente um estudo português apontou a Síndrome de Burnout como objeto de Representação Social, referindo-se ao Burnout profissional em professores portugueses (MARQUES-PINTO, 2001). Neste estudo, a autora pretende afirmar a relevância de uma abordagem societal do Burnout, começando por analisar o

fenômeno do Burnout profissional dos professores no quadro da Teoria das Representações Sociais (TRS). Esse estudo empírico envolveu mais de 900 professores portugueses e permitiu reconstruir e caracterizar três grandes representações sociais do Burnout na docência: Burnout como doença, Burnout como desadaptação e Burnout como absenteísmo. Segundo a pesquisa, de acordo com as representações sociais de Burnout, há diferentes estratégias de *coping* (enfrentamento) utilizadas pelos docentes em situação de estresse profissional.

Lazarus e Folkman (1984) definem *coping* como os esforços cognitivos e comportamentais constantemente alteráveis para controlar, vencer, tolerar ou reduzir as demandas internas ou externas específicas, que são avaliadas como excedendo ou fatigando os recursos da pessoa. A forma como a pessoa lida com as situações estressantes desempenha um importante papel na relação entre o estresse e o processo de saúde-doença. As estratégias de *coping* usadas pelos professores para enfrentar o estresse tem sido o uso de medicamentos controlados, o consumo de cigarros e bebida alcoólica em demasia, a frequência a templos religiosos e práticas rituais e a ingestão desenfreada de alimentos calóricos, como doces. Este tipo de *coping*, focalizado na emoção, tem por objetivo reduzir a sensação física desagradável do estado de estresse e esquecer os problemas.

A TRS, pelos progressos alcançados no campo metodológico, tornou-se um campo de investigação avançado tecnicamente (LAHLOU, 2011). Moscovici (2012, p. 81) aponta que as representações sociais “[...] são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo do cotidiano”. Moscovici (2009, p. 210) acrescenta, sobre as representações sociais, que elas “[...] se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente”. Também podem ser compreendidas como conjuntos dinâmicos, seu estatuto sendo o da produção de comportamentos e de relações com o ambiente, da ação que modifica um e outros, e não da reprodução de comportamentos ou relações, como reação a um dado estímulo externo (MOSCOVICI, 2012). Jodelet (2001, p. 41) propõe uma conceituação amplamente utilizada nessa área: “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Diante desse cenário, é relevante investigar se existe um conhecimento do senso comum construído por professores do Ensino Fundamental sobre a Síndrome de Burnout no contexto escolar, particularmente por aqueles que estão afastados de sala de aula em decorrência de problemas físicos e mentais ocasionados pelo estresse. De acordo com informações obtidas no decorrer da pesquisa de campo para o presente estudo, esses professores, readaptados em funções administrativas, apresentam sinais e sintomas característicos da Síndrome de Burnout, são afastados de sala de aula por estresse ou problemas físicos e emocionais, porém não são diagnosticados como portadores da síndrome, muitas das vezes por interesse da própria instituição ou do próprio professor, para que não seja afastado definitivamente ou aposentado. De certa forma, isso contribui para mascarar a estatística de professores acometidos pela síndrome. Tal investigação é relevante para um maior conhecimento sobre a Síndrome de Burnout veiculado no ambiente escolar, e para saber se os docentes que estão fora de sala de aula, desempenhando papéis administrativos, têm noções sobre o desenvolvimento da síndrome, seus sinais e sintomas e se apresentam algum conhecimento do senso comum sobre Burnout.

A escolha pela TRS, nesta pesquisa, deve-se ao fato de que se faz necessário uma compreensão maior sobre como os professores acometidos pela Síndrome de Burnout ou portadores de sintomas característicos, elaboram um conhecimento do senso comum sobre a doença, associado às suas práticas sociais na escola. Este contexto justifica um estudo sobre representações sociais de professores acometidos pela Síndrome de Burnout, afastados de sala de aula e que permanecem desenvolvendo atividades administrativas na escola.

1.2 OBJETIVO GERAL

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é investigar representações sociais sobre a Síndrome de Burnout por professores do Ensino Fundamental, afastados da

sala de aula por apresentarem problemas físicos e mentais ocasionados pelo estresse e mantidos no ambiente escolar, em funções administrativas.

1.3 QUESTÕES DE PESQUISA

Para alcançar esse objetivo, foram formuladas as seguintes questões norteadoras do estudo:

- 1) Quais são as crenças que fundamentam os discursos e as práticas dos professores em relação a Síndrome de Burnout?;
- 2) Para os docentes, como o estresse afetou seu trabalho na escola a ponto de afastá-lo da sala de aula?;
- 3) Quais são as aproximações entre os discursos dos professores sobre Burnout e as definições de especialistas das áreas médica e psicológica?;
- 4) Quais os motivos alegados para o afastamento e como os professores veem esses motivos impactando suas vidas?;
- 5) Quais as razões para o afastamento ser provisório e não definitivo?;

1.4 JUSTIFICATIVA

Embora investigado em diversas categorias profissionais, cresce nos últimos anos o reconhecimento de que a Síndrome de Burnout na categoria docente é um problema de saúde pública. Esta síndrome tem efeitos negativos para o professor, tais como rompimento com os hábitos cotidianos, perda do entusiasmo e da criatividade, incapacidade para se concentrar e reações exageradas para moderar o estresse (CARLOTTO, 2010).

A escolha pela Teoria das Representações Sociais (TRS) neste estudo deve-se à importância da noção de representação social nas ciências sociais da saúde, que permite explicitar como os membros de um grupo pensam e tomam posição frente a uma doença, a um comportamento preventivo (CAMARGO; WACHELKE; AGUIAR, 2007). Entende-se as representações como

[...] uma forma de pensamento social, cuja gênese deve ser relacionada com processos que afetam a vida e a comunicação social, com mecanismos que concorrem para a definição de identidade e a especificidade dos sujeitos sociais, indivíduos e grupos. (JODELET, 2005, p. 50).

Considera-se que existe uma lacuna a ser preenchida na educação no que se refere às representações sociais de professores acometidos pela Síndrome de Burnout e mantidos no ambiente escolar, porém afastados da sua função. O estudo das representações sociais, no campo educativo, revela que há, ainda, poucas pesquisas que centralizam esse tema. Sendo assim, a TRS, na perspectiva moscoviciana, pode ser considerada adequada para esse estudo.

É relevante analisar as significações que professores do Ensino Fundamental acometidos, atribuem a Síndrome de Burnout e de que modo tais significados são formados. Tal investigação pode contribuir para um maior conhecimento sobre a Síndrome de Burnout veiculada no ambiente escolar, e se os docentes que estão fora de sala de aula, desempenhando papéis administrativos têm noções sobre o desenvolvimento da síndrome, seus sinais e sintomas e se existe um conhecimento do senso comum sobre a síndrome.

O conhecimento das representações sociais dos professores readaptados, pode ajudar a alcançar um maior entendimento no que se refere ao desenvolvimento das dimensões da Síndrome de Burnout e suas causas específicas. Os resultados poderão contribuir, ainda, para repensar a forma como a instituição lida com os professores acometidos pela Síndrome. A escola pode desempenhar um papel fundamental de forma preventiva, promovendo a melhoria da qualidade de vida de seus professores, investindo na qualificação e estrutura, num ambiente harmonioso e integrado (CARLOTTO, 2010).

1.5 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

As bases teóricas deste estudo estão de acordo com o objetivo geral, que consiste em compreender a Síndrome de Burnout, suas três dimensões e suas várias denominações e se existe um conhecimento do senso comum construído por professores do Ensino Fundamental sobre esta síndrome. Para isto, esta investigação busca respaldo, primordialmente, em estudos de Maslach e Jackson (1981), que definiram a síndrome em sua perspectiva tridimensional. Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) afirmam que a síndrome é um fenômeno psicossocial que surge como resposta crônica aos estressores interpessoais. Queiroz e Carlotto (2010) e Gonçalves et al. (2011) fizeram estudos com profissionais de saúde e educação, que são as categorias mais atingidas, e consideram a síndrome multifatorial.

Jbeili (2008) editou uma cartilha sobre a Síndrome de Burnout para professores, com explicações simples e detalhadas acerca das causas e sintomas da síndrome. Segundo o autor, a Síndrome de Burnout aparece quando o profissional se sente pressionado e subestimado pela instituição, que exige mais encargos e atividades que o professor consegue dar, chegando ao esgotamento psicológico, dificultando as suas atividades laborais. O autor afirma em sua cartilha que “[...] o ato de ensinar é constituído de peculiaridades geradoras de estresse e de alterações de comportamento”. (JBEILI, 2008, p. 3).

Conforme Codo e Menezes (2015), dentre os sintomas da Síndrome de Burnout estão o estresse, queda de cabelo, dor no estômago, enxaqueca, sudorese, taquicardia, palpitações, medo, condições arredias, angustia, apatia, úlcera, hipertensão, dores de cabeça, insônia, consumo exagerado de medicamentos e álcool. Tudo isso levando à sensação de impotência para a realização de atividades laborais. Para os autores, o diagnóstico de Síndrome de Burnout apresenta dois perfis específicos. O primeiro, apesar de estar vinculado ao estresse no trabalho, culminando com os sinais e sintomas da síndrome, são brandos e não invalidam ou incapacitam o professor para as suas atividades laborais. Já o segundo é aquele em que há incidência de maior dano laboral, apresentando problemas que recaem

sobre o desempenho, incapacitando o professor para desenvolver suas atividades laborais.

Segundo Codo e Menezes (2015), é a exaustão que pode se manifestar física, mental e emocionalmente por causa da sobrecarga de trabalho, ocasionando o cansaço e a falta de energia, fazendo com que o professor fique desmotivado e apresente falta de entusiasmo para realização de suas atividades, gerando a frustração e o cinismo e levando ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout. Segundo esses autores, a Síndrome de Burnout é constituída de quatro dimensões que envolvem a ilusão no trabalho, o desgaste psíquico, a indolência e a culpa.

Carlotto (2010) refere que a Síndrome de Burnout, de forma geral, é vista como um problema de natureza social e, pela sua relevância, está sendo estudada nos mais diversos países, em razão de sua incidência e vinculação às consequências no custeamento organizacional, principalmente na saúde e educação.

De acordo com o autor, a atividade docente exige do profissional uma alta carga emocional, pois está sujeito a inúmeros agentes estressores psicossociais que se encontram no cotidiano, em todos os níveis de ensino. Durante a sua prática pedagógica, o professor vivencia situações diversas que desarmonizam e desequilibram os seus anseios e expectativas individuais, sociais e profissionais.

Para Carlotto (2010), entre os fatores que contribuem para o surgimento da Síndrome de Burnout em professores estão as altas cargas de trabalho, distribuídas entre os três turnos de ensino, o número excessivo de alunos em sala de aula, a insatisfação com a atividade laboral, o alto nível da dimensão de ilusão de trabalho, o desgaste psíquico, a indolência e culpa, a alta cobrança profissional, o acúmulo de tarefas, a não efetividade de êxito no desempenho profissional e lidar com situações conflitivas e estressantes.

A revisão de literatura para o levantamento dos estudos de Burnout, com referencial teórico na Teoria da Representação Social (TRS), mostrou a escassez de estudos internacionais e nacionais envolvendo Burnout à luz da TRS, conforme já mencionado. O termo representações sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba, sendo que a teoria construída para os explicar foi inaugurada por Serge Moscovici, imigrante romeno naturalizado

francês, por meio de sua obra seminal *La Psychanalyse, Son Image et Son Public*, em 1961, reeditada em versão resumida também na França em 1976. No Brasil, foi primeiramente traduzida a primeira parte em 1978 e a segunda edição, completa, em 2012, com o título *A Psicanálise, sua imagem e seu público* (traduzida por Sonia Fuhrmann).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) reitera uma perspectiva 'ternária' do olhar da psicologia social, segundo a qual a relação entre o sujeito e a realidade é mediada pela presença do outro, uma perspectiva que engloba a mediação fundamental da alteridade (MOSCOVICI, 2012).

A construção das representações sociais envolve dois processos sociocognitivos intrinsecamente relacionados e não sequenciais: a objetivação e ancoragem (MOSCOVICI, 1984). Esses processos descrevem a gênese e o funcionamento das RS, considerando a condição social e o contexto de vida onde elas ocorrem.

A objetivação caracteriza-se pela materialidade e está relacionada ao pensamento social, que torna em concreto algo abstrato, por meio de materialização da rede de ideias, imagens, expressões que transitam em torno da representação. Permite tornar real um esquema conceitual e substituir uma imagem por sua contrapartida material, resultado que tem primeiramente um alcance cognitivo. Objetivar significa resolver o excesso de significações pela materialização. Pelo processo de ancoragem, a sociedade torna o objeto social um instrumento do qual pode dispor e esse objeto é colocado numa escala de preferência nas relações sociais existentes. A ancoragem transforma a ciência em uma rede de significações e em conhecimento útil a todos. Melhor dizendo, a objetivação transfere a ciência para o domínio do ser e a ancoragem a delimita no do fazer, no decurso da comunicação (MOSCOVICI, 2012).

Jodelet (1990) mapeia o campo de investigação por seis diferentes perspectivas, que presidem a formulação da maneira como se elaboram as representações sociais: a) ênfase à atividade puramente cognitiva pela qual o sujeito constrói sua representação; b) acentuação dos aspectos significantes da atividade representativa; c) tratamento da representação como uma forma de discurso; d) consideração da prática social do sujeito na construção da

representação; e) determinação da dinâmica das representações pelo jogo das relações intergrupais; e f) ênfase sociologizante, fazendo do sujeito um portador das determinações sociais responsáveis, em última instância, pela produção das representações.

Para Jodelet (2001), as representações sociais consistem em uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que possui um fim prático e concorre para a constituição de uma realidade comum a um conjunto social. Jodelet (2001) afirma que as representações sociais vinculam um sujeito a um objeto e são sempre representações de um sujeito a um objeto. Como explica Moscovici, “toda representação social é de alguém tanto quanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio da qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido” (MOSCOVICI, *apud* JODELET, 2001, p. 11).

A Teoria das Representações Sociais debruça-se sobre a construção do conhecimento social e permite abordar aspectos significativos que os sujeitos atribuem a determinados objetos. O tipo de abordagem que a Teoria das Representações Sociais utiliza permite observar como o social interfere na elaboração cognitiva de representações e como esta elaboração psicológica interfere no social (JODELET, 2001). A abordagem da TRS possibilitará responder como os professores readaptados e afastados de sala de aula geram seu próprio corpo de representações ajustadas para seu cotidiano.

2. SÍNDROME DE BURNOUT: UMA REVISÃO DE LITERATURA

O objetivo deste capítulo é realizar uma revisão da literatura referente à Síndrome de Burnout e sua incidência em professores.

2.1 CONDIÇÕES ATUAIS DE TRABALHO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E A SÍNDROME DE BURNOUT

As condições de trabalho que os professores enfrentam atualmente, principalmente os que atuam no Ensino Fundamental da rede pública, não são nada favoráveis. Os salários estão cada vez menos atrativos e o “*status*”, que valorizava a profissão, há muito foi perdido. A dupla jornada de trabalho, desenvolvida por vários professores para melhorar a renda salarial, leva ao aumento do desgaste físico e mental. A excessiva burocratização e a enorme exigência e responsabilidade sobre o sucesso e o fracasso dos alunos geram desânimo e estresse nos professores, levando a um alto risco para a manifestação da Síndrome de Burnout (CODO, 2000).

Há uma dicotomia entre o trabalho que o professor gostaria de realizar e o trabalho realizado. Isto causa uma expectativa negativa, gerando sentimentos que vão contra a concepção de trabalho que o professor teria idealizado, passando a conviver com a decepção e com a ideia de que ser professor não é compensatório. Esses professores que apresentam sinais e sintomas característicos da Síndrome de Burnout (SB) e continuam atuando em sala de aula, têm sua produtividade diminuída, ficando abaixo do seu real potencial, subaproveitando a qualidade do trabalho (MASLACH; GOLDBERG, 1998).

O Burnout ou Síndrome do Esgotamento é uma resposta ao estresse laboral crônico, em que se percebe a presença de sentimento de inadequação pessoal, exaustão emocional, falta de realização profissional e tratamento despersonalizado

com clientes e colegas de trabalho, conforme definiu Maslach e Jackson (1981), que criaram o questionário Maslack Burnout Inventory (MBI), que possibilita classificar o nível de estresse e avaliar se o indivíduo apresenta sinais de Burnout.

As causas de Burnout sempre estão relacionadas com o trabalho. Em relação ao trabalho dos professores, Carvalho (1995, p. 47) cita as causas mais comuns da síndrome nesse grupo de trabalhadores. São elas: “problemas com alunos, excesso de burocracia, reuniões e trabalhos adicionais que são levados para casa, como correção de provas, preparo de tarefas e avaliações de trabalhos”. Acrescenta-se a tudo isso a indisciplina, baixos salários, sobrecarga de trabalho, violência no ambiente escolar, perda do *status* e do valor da profissão na sociedade e falta de autonomia em relação aos conteúdos. França (1987) descreve alguns fatores de risco que são próprios do indivíduo e que estão ligados à sua personalidade que predispõe ao Burnout. A extrema responsabilidade, a necessidade de reconhecimento do trabalho desenvolvido, a dificuldade para relaxar e a satisfação pessoal que esperam do trabalho são características próprias do indivíduo que tem propensão ao Burnout.

Segundo França (1987), os sintomas de Burnout são divididos em quatro categorias: físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos. Os sintomas físicos se apresentam em forma de fadiga constante, distúrbios do sono, cefaleia, dores musculares, alterações do sistema respiratório, disfunções sexuais, imunodeficiência, perturbações gastrointestinais e transtornos cardiovasculares. Os sintomas psíquicos se traduzem por falta de atenção e concentração, alterações da memória, baixa autoestima, lentificação do pensamento, sentimento de alienação e solidão, impaciência, sentimento de insuficiência, dificuldade de autoaceitação, astenia, desânimo, depressão, disforia, desconfiança e paranoia. Quanto aos sintomas comportamentais, são observados negligência ou excesso de escrúpulos, irritabilidade, agressividade, incapacidade para relaxar, dificuldades na aceitação de mudanças, perda de iniciativa, aumento no consumo de álcool e drogas tranquilizantes, comportamento de autorrisco e suicídio. Em relação aos sintomas defensivos, o indivíduo apresenta tendência ao isolamento, sentimento de onipotência, perda de interesse pelo trabalho, absenteísmo, ironia e cinismo.

Benevides Pereira e Alves (2003), relacionam algumas medidas para prevenir o Burnout: a) identificar quais sintomas relativos ao estresse/Burnout o indivíduo está

apresentando e em qual situação aparece; b) reconhecer que estratégias tem usado para enfrentar os sintomas; c) averiguar os sentimentos associados e procurar lidar de forma positiva e construtiva; d) mudar as estratégias que não estão dando resultados ou até mesmo prejudicando o seu estado de estresse; e) avaliar se essas mudanças alcançaram os objetivos; e f) aprender a dizer não, respeitando seus próprios limites.

Segundo Campos (2005), os professores reclamam de não terem mais a autonomia de antes e de estarem sempre temerosos de infringir o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado no Brasil em 1990. Para o autor, professores, principalmente os da rede pública, são desrespeitados, numa inversão de valores, gerando um potencial de violência descomunal, porém a maioria se recusa a delatar alunos, pois são constantemente ameaçados. A violência do ambiente de casa, do local em que vivem, acaba refletindo no ambiente escolar.

2.1.1 Caracterização da Síndrome de Burnout como Doença do Trabalho

Segundo Pontes (2015), a Síndrome de Burnout é consequência do estresse laboral crônico e é a doença de caráter psicossocial que mais cresce no mundo, tendo como fator de risco a organização do trabalho. Ela tem sido qualificada por pesquisadores como a “praga do Século XXI”. Em um estudo patrocinado pela ISMA (*Internacional Stress Management Association*), onde foram pesquisados Estados Unidos, Alemanha, França, Brasil, Israel, Japão, China e Hong Kong, demonstrou-se que o Brasil ocupa o segundo lugar em termos de trabalhadores acometidos pela Síndrome de Burnout. Apurou-se que 30% do total de trabalhadores brasileiros estão vitimados pela síndrome (FONSECA, 2013).

De acordo com Ministério da Saúde – MS (BRASIL, 2001, p. 191), no livro *Doenças Relacionadas ao Trabalho*, em seu capítulo 10, que trata sobre Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho (Grupo V, da Classificação Internacional de Doenças - CID-10), a Síndrome de Burnout ou Síndrome do

Esgotamento Profissional é designada como “Sensação de Estar Acabado”, descrita sob o código Z73.0. Para o MS, deve ser feita uma diferenciação entre a SB, que é uma resposta ao estresse laboral crônico, de outras formas de resposta ao estresse, que não devem ser confundidas e nem tratadas como sinônimo.

Segundo Moreira et al. (2009), o estresse é um sentimento que pode desaparecer após um período de repouso e a Síndrome de Burnout é um estado crônico de estresse vivenciado no ambiente de trabalho e não diminui com o descanso ou período temporário de afastamento do ambiente laboral. Baseados na teoria das organizações, para Golembiewski, Hiller e Dale (1987), o Burnout é a consequência de um desajuste entre as necessidades do trabalhador e os interesses da instituição, gerando condições de estresse e tensão.

As doenças laborais provocam no trabalhador enfermidades ocupacionais de forma lenta e gradual. As doenças ocupacionais são subdivididas em doenças profissionais e doenças do trabalho, conforme o artigo 20, da Lei No 8.213/91 (BRASIL, 1991), que traz as seguintes definições:

- I. doença profissional, assim entendida a produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar à determinada atividade e constante da respectiva relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência social.
- II. doença do trabalho, assim entendida a adquirida ou desencadeada em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacione diretamente, constante da relação mencionada no inciso I.

As doenças profissionais, também conhecidas como ergopatias, tecnopatias ou doenças profissionais típicas, são as produzidas ou desencadeadas pelo exercício profissional peculiar a determinada atividade e decorrem de microtraumas que agredem e vulneram as defesas orgânicas, deflagrando o processo mórbido (MONTEIRO; BERTAGNI, 2012).

Já as doenças do trabalho são aquelas desencadeadas em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacionam diretamente. São também chamadas de mesopatias, enfermidades profissionais indiretas, doenças das condições de trabalho, doença do meio (BRANDÃO, 2009).

Por serem atípicas, as doenças do trabalho exigem a comprovação do nexo de causalidade com o trabalho, e necessita de vistoria do ambiente laboral (MONTEIRO; BERTAGNI, 2012).

Para que a doença possa ser considerada doença do trabalho ou profissional, equiparada à doença do trabalho, além de se enquadrar ao conceito disposto no art. 20, da Lei 8.213/91, deve constar do Anexo II, do Regulamento da Previdência Social.

De acordo com o parágrafo 1º, do art. 20, da Lei Nº 8213 (BRASIL, 19991), não são consideradas doença do trabalho: a) doença degenerativa; b) doença inerente a grupo etário; c) doença que não produza incapacidade laborativa; e d) doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que se desenvolva, salvo comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho.

As enfermidades ocupacionais de natureza psicológica que mais acometem os trabalhadores na atualidade são o Transtorno do Estresse, a Síndrome do Esgotamento Profissional e a Neurose Profissional (ARAÚJO JÚNIOR, 2009).

A Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional está inserida no capítulo da categoria que se refere aos problemas relacionados com a organização de seu modo de vida (Z73), descrita na CID, versão 2010.

O Ministério da Saúde, a partir da Portaria Nº 1339, de 18 de novembro de 1999 (BRASIL, 1999b), instituiu a Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho e incluiu a Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burnout, Síndrome do Esgotamento Profissional - Z73.0), tendo como agentes etiológicos ou fatores de risco de natureza ocupacional o ritmo de trabalho penoso (CID Z56.3) e outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho (CID Z56.6).

O Decreto Nº 6042, de 12 de fevereiro de 2007 (BRASIL, 2007), que alterou o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto Nº 3048, de 06 de maio de 1999 (BRASIL, 1999a), em seu anexo II, que trata dos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais ou do trabalho, conforme previsto no art. 20 da Lei Nº 8213 (BRASIL, 1991), inseriu na lista B, no título Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho (Grupo V, da CID - 10), o item XII, a

Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional - Z73.0).

A doença do trabalho só poderá ser caracterizada tecnicamente pela perícia médica do Instituto Nacional de Previdência Social (INSS) mediante reconhecimento do nexos entre o trabalho e o agravo. Para avaliação do tipo de relação causal entre a doença e o trabalho adota-se, no Brasil, a classificação de Schilling, que amplia o conceito de nexos entre o trabalho e a doença (TABORDA et al., 2012).

Segundo a classificação de Schilling, as doenças relacionadas ao trabalho se dividem em três grupos:

Grupo I – O trabalho ou ocupação pode ser causa necessária para o desenvolvimento da doença; sem ela era improvável que o trabalhador a desenvolvesse;

Grupo II – O trabalho ou ocupação pode ser considerado como fator de risco contributivo para doenças de etiologia multicausal. Enquadra-se, aqui, a Síndrome de Burnout, a neurose profissional e o alcoolismo crônico relacionado ao trabalho; e

Grupo III – O trabalho ou ocupação pode ser fator desencadeante ou agravante de doença latente ou preexistente.

O Artigo 2º, da Resolução do Conselho Federal de Medicina Nº 1488, de 06 março 1998 (CFM, 1998), dispõe que para o estabelecimento do nexos causal entre os transtornos de saúde e as atividades do trabalhador, além do exame clínico (físico e mental) e os exames complementares, quando necessários, deve o médico considerar:

- I. a história clínica e ocupacional, decisiva em qualquer diagnóstico e/ou investigação de nexos causal;
- II. o estudo do local de trabalho;
- III. o estudo da organização do trabalho;
- IV. os dados epidemiológicos;
- V. a literatura atualizada;
- VI. a ocorrência de quadro clínico ou subclínico em trabalhador exposto a condições agressivas;

- VII. a identificação de riscos físicos, químicos, biológicos, mecânicos, estressantes e outros;
- VIII. o depoimento e a experiência dos trabalhadores; e
- IX. os conhecimentos e as práticas de outras disciplinas e de seus profissionais, sejam ou não da área da saúde.

O inciso III, do Artigo 10, da Resolução CFM Nº 1488 (CFM, 1998), com redação aprovada pela Resolução CFM Nº 1940 (CFM, 2010), esclarece as atribuições e deveres do perito-médico e assistentes técnicos: “estabelecer o nexo causal, CONSIDERANDO o exposto no artigo 2º e incisos”.

A Resolução INSS/DC Nº 10, de 23 de dezembro de 1999, que aprovou os protocolos Médicos Periciais, em seu anexo V, que trata sobre os transtornos mentais e de comportamento que podem estar relacionados com o trabalho, no item XII, Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional - Z73.0), informa que:

Havendo evidências epidemiológicas da incidência da Síndrome em determinados grupos ocupacionais, sua ocorrência em trabalhadores destes grupos ocupacionais poderá ser classificada como “doença relacionada ao trabalho”; Classificação de Schilling – O trabalho pode ser considerado fator de risco no conjunto de fatores de risco associados com a etiologia multicausal da doença (BRASIL, 2001, p. 192).

O Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde referente ao Livro Doenças Relacionadas ao Trabalho fornece a seguinte orientação aos profissionais da área de saúde, perito médico, perito-judicial ou da previdência social:

O diagnóstico de um caso de síndrome de esgotamento profissional deve ser abordado como evento sentinela e indicar investigação da situação de trabalho, visando a avaliar o papel da organização do trabalho na determinação do quadro sintomatológico (BRASIL, 2001, p. 194).

Segundo Taborda et al. (2012, p. 302), nos casos dos transtornos mentais os próprios peritos acabam levando em consideração mais o fator causal e individual do que o profissional ou o epidemiológico. Como exemplo, há o seguinte julgado:

O laudo pericial não é suficiente para demonstrar o nexo causal entre a doença que acometeu a reclamante e as condições de trabalho. Veja-se que a perita asseverou que a patologia apresentada pela autora pode ser atribuída a sua predisposição genética, não havendo nexo causal com as funções desempenhadas no réu, e que não havia elementos de convicção para confirmar o nexo causal do trabalho com a doença alegada” (TST, 2013).

Os médicos-peritos justificam o não enquadramento da sintomatologia apresentada pelo trabalhador como decorrente da Síndrome de Burnout devido à dificuldade em estabelecer onexo causal. O trabalhador é prejudicado, deixando de receber o benefício a que tem direito, pelo acometimento da doença.

Raro são os casos em que a perícia médica do INSS ou do Juízo relaciona onexo causal (estresse laboral) e efeito (Síndrome de Burnout) como decorrente de um ambiente de trabalho inadequado à atividade desenvolvida. Nesse caso, a patologia deveria ser reconhecida como sendo de natureza ocupacional, devendo o trabalhador gozar de todas as prerrogativas a que tem direito, chegando mesmo a solicitar a sua aposentadoria.

Os problemas de saúde mental relacionadas ao trabalho têm sofrido um grande aumento no cenário mundial, e o estresse laboral crônico é o fator de risco que propicia o desenvolvimento da Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, que é uma doença característica do contexto laboral.

O contexto laboral é fator decisivo para o desencadeamento da Síndrome de Burnout. Logo, é necessário que o trabalhador acometido se submeta à perícia médica e que o perito investigue a influência dos fatores ambientais do trabalho sobre a saúde do trabalhador, com o objetivo de reconhecer os fatores de risco ocupacional que desencadeou a doença. Estabelecer onexo causal entre a Síndrome de Burnout e a atividade desenvolvida no trabalho pelo empregado tem sido um grande problema no mundo do trabalho. Provado onexo laboral entre o estresse e a doença, esta deve ser considerada como acidente de trabalho, devendo o trabalhador usufruir de todos os direitos previdenciários.

2.1.2 Professores Doentes Afastados por Licença Médica ou Readaptados

De acordo com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), em 2013, no município do Rio de Janeiro, cerca de 20% dos professores do

Ensino Fundamental da rede pública estavam afastados de sala de aula por licença médica, 10% trabalhando em setores administrativos, em processo de readaptação profissional. Entre as causas mais comuns de afastamento de professores da sala de aula estão a depressão, doenças osteomusculares, disfunção da voz e Síndrome de Burnout, doença relacionada ao estresse causado pelo ambiente laboral. A Secretaria Municipal de Educação não considera alarmante o número de licenças médicas entre seus professores. O professor que é afastado do trabalho por doença passa por uma avaliação quando o tratamento é concluído. Se não for considerado apto a reassumir sua função, pode ser “readaptado” e ocupar um novo cargo, na área técnica ou administrativa, sem redução salarial.

Segundo Batista (2010), em sua tese de doutorado, pela Fundação Oswaldo Cruz, “Síndrome de Burnout em professores do Ensino Fundamental: um problema de saúde pública não percebido”, a doença pode ser mascarada por problemas como depressão, o que dificulta o diagnóstico. Segundo a autora, dos 14 (quatorze) médicos peritos responsáveis pela perícia dos professores da rede municipal paraibana, apenas 1 (um) já havia ouvido falar da síndrome. O resultado mostrou um quadro grave: a falta de conhecimento dos médicos em relação à síndrome. O trabalhador se torna refém da pouca informação sobre o assunto, sofrendo durante o processo diante das incertezas, da avaliação da junta médica, que, geralmente, desconhece o seu problema e ignora, inclusive, as leis que regem o tema. A legislação ampara o trabalhador, readaptando-o, dando uma nova chance para uma recolocação profissional, sem alteração de nível ou salário.

2.1.3 A Readaptação do Professor

A readaptação é uma estratégia desenvolvida para potencializar a capacidade funcional do trabalhador. Nas escolas municipais do Ensino Fundamental do Rio de Janeiro, o processo de readaptação profissional ocorre de maneira que os professores readaptados exerçam funções de sua competência, porém menos

onerosas, evitando, assim, o desgaste físico e emocional que leva a maioria dos professores à situação de doença, muitos deles desenvolvendo a Síndrome de Burnout. (CHAGAS; LIMA; MATOS; 2016).

De acordo com Chagas (2015, p. 147), a importância econômica e social da readaptação decorre da diminuição do gasto previdenciário, evitando que os professores se aposentem por problemas parcialmente incapacitantes, que não possibilitam voltar à mesma função, realocando-os em outras funções consideradas úteis, mantendo-os economicamente ativos. Desta forma, o profissional readaptado supostamente é socialmente valorizado, sentindo-se útil dando a sua contribuição à sociedade e, principalmente, mantendo o vínculo com a escola, contribuindo com a sua experiência adquirida durante a vida profissional, evitando ser menosprezado pelo sistema, o que, de certa forma, iria agravar o processo da doença.

A Reabilitação Profissional é um serviço oferecido pelo Regime Geral da Previdência Social (RGPS) e a Readaptação, pelo Regime Próprio de Previdência Social (RPPS), ambos garantidos por lei, para que o trabalhador que tenha sofrido um acidente ou doença incapacitante parcial ou total seja inserido no mercado de trabalho (FARIAS, 2011).

Nessa ótica oficial, a importância da readaptação de professores verifica-se pela relevância da profissão para a sociedade. Os educadores seriam formadores de opinião, tendo grande responsabilidade social. Manter o professor na escola contribui assim para a sua valorização tanto socialmente quanto financeiramente, pois dá-lhe uma oportunidade para aplicar seus conhecimentos adquiridos ao longo da carreira do magistério, mesmo sendo em uma função administrativa.

Nos termos da lei, readaptação profissional “[...] é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica” (BRASIL, 1991). A avaliação pericial é o principal critério para a readaptação do professor. Deste modo, a junta médica é responsável pela indicação das restrições das atividades laborais do professor, sendo que a readaptação docente será sempre “extraclasse”, ou seja, o professor readaptado deverá ser afastado das atividades de sala de aula.

Em estudo realizado por Nunes, Brito e Athayde (2001), com professores de escola da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, constatou-se que não existe um sistema, no setor público, para investigar as relações entre a saúde dos professores e o trabalho, conhecer o trabalho efetivamente realizado e, quando necessário, intervir sobre as fontes geradoras de desequilíbrio físico e mental.

De acordo com Dejours (2004, p. 138), o trabalho pode ser um gerador de saúde, uma fonte de prazer ou, ao contrário, uma fonte de sofrimento, um constrangimento patogênico: “O trabalho jamais é neutro. Ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para a sua desestabilização e empurra o indivíduo para a descompensação”.

A readaptação é um processo complexo que influencia enormemente a vida do indivíduo; é um processo de ruptura sofrido pelo trabalhador. Contudo, a readaptação pode ser interpretada como positiva, pois o professor afastado de sala de aula cria uma estratégia defensiva contra o “sofrimento” no trabalho (DEJOURS, 2004). Embora a sala de aula seja reconhecidamente um lugar de realização profissional, ela também é o principal espaço de adoecimento e sobrecarga física e mental. Há uma relação de ambivalência, de prazer e sofrimento no trabalho dos professores (MANCEBO, 2007).

Há um forte estigma em relação aos professores readaptados, que sofrem a discriminação de seus pares. Como aponta o resultado da pesquisa de Arbex, Souza e Mendonça (2013): “O pior do processo de readaptação é o tratamento dado pelos colegas”. Ou seja, o estigma discrimina e inferioriza.

Nunes, Brito, Athayde (2001) se referem a Goffman (1975) quando este autor afirma que o principal desafio da situação de vida do estigmatizado é a questão da “aceitação”. De acordo com os autores, o estigma relacionado ao trabalho afeta a interação no cotidiano laboral, gerando sentimento de insegurança e de impotência no trabalhador. A discriminação se transforma em estigma ao “marcar” o trabalhador readaptado com uma particularidade. No dia a dia, o readaptado é recebido com desconfiança pelos colegas de trabalho por não acreditarem na sua situação, principalmente quando seus males são de origem psíquica, como no caso da Síndrome de Burnout, pois a sua dor não é visível, ficando restrita a quem sente. O indivíduo acometido passa a ser considerado como “armador”. Essa situação pode

ocasionar sentimento de culpa e de sofrimento no professor, pela não aceitação da situação de readaptação pelos colegas.

Neves e Nunes (2010) criticam a forma como é realizada a readaptação pelos médicos-peritos: sem avaliar as questões gerais do trabalho e o processo de adoecimento. Os autores observam que não há coerência nas ações dos peritos, pois não há uma atitude investigativa que busque os determinantes que geram adoecimento no trabalho, além da postura passiva do trabalhador, que não participa do processo decisório. Todas essas ponderações apontam para a necessidade de maior qualificação dos médicos-peritos com vistas à humanização do atendimento ao trabalhador, usuário do serviço, que deveriam considerar seu paciente como “sujeito”. É explícita a ausência de uma política de saúde no trabalho, pensada numa perspectiva de inclusão dos readaptados. Além disso, a precariedade da saúde dos profissionais de educação necessita de inovação e aprimoramento nas metodologias de intervenção (SOUZA; BRITO, 2012).

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Steiner (2016) faz referência a um artigo de Durkheim (1896) sobre a proibição do incesto, em que aparece pela primeira vez a expressão “Representação Coletiva”, mostrando uma relação genética entre a crença universal e o sistema de crenças primitivas. Nesse texto, Durkheim afirma que não existem regras que não sejam acompanhadas por um conjunto de representações determinado a explicá-las ou justificá-las, mesmo que tais representações sejam inconscientes. O autor afirma que somos filhos de nossas representações passadas e presentes e que não é um exagero considerar que tudo o que é social é produto de representações. Para ele, não se pode reduzir as representações ao substrato anatômico ou psicofísico, porque elas modificam umas às outras, criando novas realidades, que são as representações coletivas. Ele explica que as representações coletivas são uma função direta da estrutura social. Durkheim escreve:

As representações novas, que são o produto destas sínteses, são da mesma natureza: elas têm outras representações coletivas como causa próxima e não esta ou aquela característica da estrutura social. É na evolução das representações religiosas que se encontram, talvez, os exemplos mais marcantes deste fenômeno. (DURKHEIM, 1924, p. 43 apud STEINER, 2016).

O termo Representação Coletiva, empregado por Durkheim no campo da sociologia para estudar sociedades primitivas, foi substituído por Representação Social, por Serge Moscovici (2012), no âmbito da Psicologia Social, que se interessou por sociedades contemporâneas da metade do Século XX, que são dinâmicas, e não estáticas como aquelas estudadas por Durkheim.

Moscovici, psicólogo social romeno naturalizado francês, buscou designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivas ou psicológicas e sociais. O autor investigou como as pessoas

constroem conhecimentos de senso comum, buscando mostrar as contribuições da Psicologia Social para as Ciências Sociais. Ele adotou uma perspectiva comunicativa “genética” na apreensão do conhecimento veiculado dinamicamente no cotidiano, mobilizado pelas pessoas em suas interações sociais (MOSCOVICI, 2012).

Para o autor, as representações sociais se apresentam como uma maneira de pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações. A Representação Social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que são rotineiros; forja as evidências da realidade consensual e ajuda a construção social da realidade. Toda Representação Social é representação de alguma coisa ou de alguém, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (MOSCOVICI, 2012).

Para Moscovici (2012) as Representações Sociais são o objeto de estudo que restituiu à disciplina suas dimensões históricas, sociais e culturais. Sua teoria deve permitir uma aproximação entre a psicologia social e as ciências sociais, buscando unificar questões situadas entre essas duas dimensões.

Conforme Moscovici (1984), não existe nada na Representação Social que não esteja na realidade, exceto a representação em si. O autor ainda explica que existem dois universos de pensamento nas sociedades contemporâneas “pensantes”: os reificados (da ciência) e os consensuais (do senso comum). As ciências são os meios pelos quais compreende-se o universo reificado, enquanto as representações sociais tratam do universo consensual. Estas são criadas pelo processo de ancoragem e objetivação, circulam no cotidiano e devem ser vistas como uma “atmosfera” em relação ao indivíduo ou ao grupo.

Segundo o autor, ciência e senso comum são diferentes entre si; são modos distintos de compreender o mundo e de se relacionar com ele; são representações da realidade. Moscovici (2012), define representações sociais como uma “rede” de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluidas que as teorias. Ele também afirma que as representações sociais não são conteúdos de pensamento passíveis de generalização, mas são processos cognitivos e afetivos inacabados de apreensão

do mundo e desempenham diferentes funções cognitivas e sociais. O autor defende que a Teoria das Representações Sociais não é vaga; é uma opção descritiva e explicativa dos fenômenos sociais que se difere da metodologia adotada na psicologia tradicional (MOSCOVICI, 2012).

Moscovici (2012), afirma que o senso comum é um terceiro gênero de conhecimento diferente da ideologia e da ciência, que deve ser incorporado aos estudos em psicologia social porque confere autonomia aos grupos minoritários. Não se deve distinguir o social do coletivo. A Teoria das Representações Sociais é, para Serge Moscovici (2012), a única teoria capaz de apreender aspectos tão sutis da racionalidade humana, das relações sociais que, na maioria das vezes, são comunicados pela linguagem numa “luta de ideias” que extrapola a ideologia e a ciência (MOSCOVICI, 2012).

Moscovici (2009) afirma que por meio do conhecimento cotidiano (percepção e observação) transformamos nossa ação, coexistimos como seres íntegros e entendemos como os homens persuadem e influenciam uns aos outros pela comunicação. As representações sociais circulam na sociedade. Sendo assim, elas próprias terão um papel e uma eficácia específica, relacionando processos simbólicos e procedimentos. A base da Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici (2012) aborda a dupla questão: como o social intervém na elaboração psicológica que constitui a Representação Social e como essa elaboração psicológica intervém no social?

Durante o estudo da maneira pela qual uma teoria científica é transformada em teoria do senso comum, Moscovici (2012), traçou os primeiros esboços do que chamou de “A Teoria das Representações Sociais”. Localizada na interface social e psicológica, o conceito das representações sociais é de interesse de todas as ciências sociais (sociologia, antropologia, história, geografia e economia), sendo encontrado também nos campos de cognição e linguística. Áreas diferentes de pesquisa são conectadas através das RS, por sua multiplicidade de relações com outras disciplinas, reforçando a sua transdisciplinaridade.

Moscovici (2012), considera que as representações não são produto da sociedade como um todo, mas os produtos dos grupos sociais que constroem esta sociedade. Ele introduz uma mudança na Teoria da Representação Social que

permite a concepção de que, por meio de comunicação, as crenças individuais podem ser objeto de consenso ao mesmo tempo que as crenças coletivas podem se impor sobre o indivíduo. Segundo Moscovici (2012), o surgimento de uma representação social sempre coincide com o aparecimento de uma situação sem precedentes, um fenômeno desconhecido ou um evento em comum. Esse surgimento gradual de uma representação ocorre espontaneamente e fundamenta-se em três tipos de fenômenos: a) a dispersão da informação; b) enfoque; e c) pressão para fazer inferências. Moscovici (2012), dá a esses processos o nome de Objetivação e Ancoragem.

3.1 A Expansão da Teoria das Representações Sociais

Para Jodelet (2002), o Homem necessita sempre estabelecer relações com o mundo que o cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física e intelectualmente, identificar e resolver problemas que o mundo impõe. Eis porque as representações são construídas. Com as representações sociais o Homem trata fenômenos diretamente observáveis ou reconstruídos por um trabalho científico. A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são carregadas de palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.

Jodelet (2002) afirma que a Representação Social tem cinco características fundamentais:

- a) é sempre representação de um objeto;
- b) tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito;
- c) tem um caráter simbólico e significante;
- d) tem um caráter construtivo; e
- e) tem um caráter autônomo e criativo.

De acordo com Jodelet (2001), as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social. Em sua riqueza fenomênica assinalam-se elementos diversos, os quais são as vezes estudados de maneira isolada: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Segundo a autora, a caracterização da Representação Social aceita pela comunidade científica é de que a RS é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como “saber do senso comum” ou ainda “saber ingênuo”, “natural”, esta forma de conhecimento distingue-se, dentre outros, do conhecimento científico. Mas, ela é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto aquele, por sua importância na vida social, pelos esclarecimentos que traz acerca dos processos cognitivos e interações sociais (JODELET, 2001).

Jodelet (2001) afirma que qualquer pesquisador que se aventure no campo das representações sociais não deixará de observar três particularidades: a vitalidade, a transversalidade e a complexidade.

As representações sociais, segundo a autora, devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm. Afirma, ainda, que não se pode eliminar da noção de Representação Social as referências aos múltiplos processos individuais, interindividuais, intergrupos e ideológicos que frequentemente entram em consonância uns com os outros, caracterizando a Representação Social como uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto (JODELET, 2002).

Para Jodelet (2002), a Representação Social é sempre a representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto terão uma incidência sobre o que ela é. A Representação Social tem com seu objeto uma relação de “simbolização”, pois toma seu lugar, e de “interpretação”, pois lhe confere significações. Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma “construção” e uma “expressão” do sujeito, sendo que a particularidade do estudo das representações sociais é a de integrar na análise desses processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito.

Todo estudo de representação passará por uma análise das características ligadas ao fato de que ela é uma forma de conhecimento. Ainda segundo Jodelet (2001), a representação é uma construção do objeto, expressiva do sujeito, que conduz a um hiato (*décalage*) de seu referente. Este hiato deve-se tanto à intervenção especificadora dos valores e códigos coletivos como às implicações pessoais e aos envoltivos sociais do indivíduo.

De acordo com Jodelet (2001), a representação produz três tipos de efeito ao nível dos conteúdos representativos: as distorções, as suplementações e os desfalques. Nas distorções, todos os atributos do objeto estão presentes, porém se encontram acentuados ou minimizados de maneira específica. Na suplementação, é conferido ao objeto representado atributos, conotações que não lhe pertencem, procede de uma agregação de significação devida a bloqueios do sujeito e ao seu imaginário. Já o desfalque corresponde à supressão de atributos pertencentes ao objeto, resultando, na maioria dos casos, do efeito repressivo das normas sociais.

Jodelet (2001) ainda observa que a gênese das representações passa pela sua estruturação e, independentemente dos aspectos de desenvolvimento, os processos de formação das representações dão conta de sua estruturação. Moscovici (2012) considera que essa estruturação tem início com a Objetivação, que é um processo que se decompõe em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. Para o autor, as duas primeiras fases estão ligadas ao efeito da comunicação e das restrições, relacionados ao pertencimento social dos sujeitos, na escolha e agenciamento dos elementos constitutivos da representação. A Ancoragem, segundo Moscovici (2012) é um outro processo que está ligado aos conteúdos e intervém de duas maneiras na formação das representações, assegurando sua incorporação no social. De um lado, a ancoragem enraíza a representação e seu objeto em uma rede de significações que permite situá-la face aos valores sociais e dar-lhe coerência. De outro lado, a Ancoragem serve à instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e gestão do ambiente e, então, situa-se em continuidade com a Objetivação. Esses processos geradores e funcionais permitem a abordagem das representações em diferentes níveis de complexidade. Sendo assim, o modelo das representações sociais impulsiona a diversidade e a invenção, erguendo o desafio da complexidade.

Para Jodelet (2002), a noção de Representação Social apresenta, como os fenômenos que ela permite abordar, uma certa complexidade na sua definição e em seu tratamento. “Sua posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de conceitos psicológicos” (MOSCOVICI, 20012, p.41) implica que ela seja relacionada com os processos que se erguem de uma dinâmica social e de uma dinâmica psíquica e que seja elaborado um sistema teórico, ele mesmo complexo. Deve-se considerar de um lado, o funcionamento cognitivo e do aparelho psíquico, de outro, o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, na medida em que estes afetam a gênese, a estrutura e a evolução das representações e são afetados por sua intervenção.

Há muitas formas de conceber e abordar as representações sociais, relacionando-as ou não ao imaginário social. Elas são associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social: eles exprimem em suas representações o sentido que dão a sua experiência no mundo social, servindo-se dos sistemas de códigos e interpretações fornecidos pela sociedade e projetando valores e aspirações sociais (JODELET, 2001).

A autora também analisa a evolução do conceito de Representação Social, destacando sua complexidade, vitalidade e transversalidade no campo das ciências humanas, e afirma que já se pode falar de uma “Teoria das Representações Sociais”, uma vez que consiste atualmente em “[...] um domínio de pesquisa dotado de instrumentos conceituais e metodologias próprias”. (JODELET, 2001, p. 31).

Jodelet foi a principal colaboradora de Moscovici e assumiu a tarefa de sistematização do campo e aprofundamento teórico, procurando esclarecer melhor o conceito e os processos formadores das representações sociais. O conceito de Representação Social é por ela definido como: “[...] uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. De uma maneira mais ampla, ele designa uma forma de pensamento social” (JODELET, 1990, p. 361).

Moscovici (2012, p. 39) aponta que as Representações Sociais “[...] são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo do cotidiano”. Moscovici (2009, p.

210) observa que elas “[...] se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente”. Também podem ser compreendidas como “[...] conjuntos dinâmicos, seu estatuto sendo o da produção de comportamentos e de relações com o ambiente, da ação que modifica um e outros e não da reprodução de comportamentos ou relações, como reação a um dado estímulo externo” (MOSCOVICI, 2012, p. 39).

3.2 As Representações Sociais e o Processo Educativo

Segundo Alves-Mazzotti (1994), o estudo das representações sociais investiga como se formam e como funcionam os sistemas de referência utilizados para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo. Para a autora, o prestígio alcançado pelas teorias construtivistas e pelas abordagens qualitativas e, mais recentemente, o crescente interesse pelo papel do simbólico na orientação das condutas humanas contribuiu para abrir espaço ao estudo das representações sociais, partindo-se da premissa de que nas RS não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito.

É grande a variedade de abordagens encontradas nos estudos de representações sociais. Isso se deve não apenas ao fato de que esses estudos são realizados em áreas diversas, nas quais predominam diferentes tradições de pesquisa, mas, também, porque não há uma metodologia “canônica” (ALVES-MAZZOTTI, 1994). De acordo com Jodelet (2001), a linha de investigação que o pesquisador se propõe a responder deve procurar atender a dupla questão que está na base da teoria e que a distingue das outras abordagens da cognição social: como

o social interfere na elaboração psicológica a que se constitui a representação e como essa elaboração psicológica interfere no social.

Ao estudar as representações sociais como produto, procura-se apreender seu conteúdo e sentido através de seus elementos constitutivos: informações, crenças, imagens e valores, expressos pelos sujeitos e obtidos por meio de questionários, entrevistas, observações e análise de documentos. Entretanto, para que se constitua verdadeiramente uma representação, esses elementos devem se apresentar como campo estruturado, o que pressupõe organização e hierarquização dos elementos que configuram seu conteúdo. Muitas pesquisas sobre representações sociais limitam-se a descrever o campo de representação sem identificar a organização e a hierarquização entre elementos que o compõe. A qualidade hermenêutica da análise e a falta de rigor das pesquisas nesta área têm sido objeto de severas críticas que, em sua maioria, advém de autores com uma visão positivista de ciência, e se inserem num quadro de desvalorização das pesquisas qualitativas em geral. (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

A Teoria das Representações Sociais oferece um instrumental teórico-metodológico de grande utilidade para o estudo da atuação do imaginário social sobre o pensamento e as condutas de pessoas e grupos. Sendo assim, existe uma preocupação em estimular a reflexão de professores e pesquisadores sobre as possibilidades oferecidas por esse campo de estudos para a compreensão dos sistemas simbólicos que, atuando nos níveis grupal e macrossocial, interferem nas interações cotidianas da escola (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Segundo Alves-Mazzotti (1994), enquanto grupo socioprofissional, construímos nossas próprias representações e, em função delas, também construímos nossas práticas e as impomos aos alunos, na suposição de que sabemos o que é bom para eles. Para a autora, o conhecimento das representações sociais de alunos e de suas famílias, bem como de nossas próprias, pode ajudar a alcançar uma maior descentralização no que se refere aos problemas educacionais.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo discorre sobre a abordagem escolhida para a pesquisa, a forma de coleta de dados e os instrumentos utilizados, os sujeitos pesquisados e os procedimentos para o tratamento dos dados.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa utiliza uma abordagem quanti-qualitativa, tendo como base a Teoria das Representações Sociais, com os conceitos de objetivação e ancoragem, a partir dos autores Moscovici (2012) e Jodelet (1990; 2001; 2002) e Alves-Mazzotti (1994).

Na abordagem quantitativa buscou-se conhecer, através do Inventário de Burnout de Maslach (1986), se o percentual de professores pesquisados que apresentavam características de Burnout, coincidia com a estatística apresentada na literatura. Já na abordagem qualitativa, o pesquisador procurou aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os, usando a representatividade numérica e generalizações estatísticas apenas como comparativo ao encontrado na literatura em relação à Síndrome de Burnout em professores. Foram assim aplicados questionários a 100 professores, tratados estatisticamente, e entrevistas semidirigidas com 14 professores readaptados, afastados de sala de aula, analisadas com base na análise de conteúdo temática.

A ausência de um único padrão neste tipo de pesquisa viabiliza perceber a fluidez e/ou volatilidade da realidade e de seus processos dependendo da perspectiva de diversos olhares – pesquisador e pesquisado – ante o desafio da interpretação dos eventos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

4.2 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Na primeira fase da pesquisa (quantitativa), foi utilizado o Inventário de Burnout de Maslach (Maslack Burnout Inventory - MBI), que consta no Apêndice B. Trata-se de um instrumento construído em forma de questionário, composto de 22 questões, que se dividem em três subescalas: a) Exaustão Emocional (EE), que corresponde a nove itens do questionário; b) Despersonalização (D), que corresponde a cinco itens; e c) Realização Pessoal (PA) correspondente a oito itens. A pontuação total do questionário é o resultado da soma de todos os pontos da subescala. A caracterização de Burnout, segundo o Inventário de Maslach, pode ser Alto, Médio ou Baixo, dependendo da pontuação.

Nessa fase foram visitadas 10 (dez) escolas pertencentes à 3ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do Rio de Janeiro, com a autorização prévia de pesquisa pelo Processo Nº 07/03/003351/12. A diretora de cada escola recebeu um envelope contendo o Inventário de Burnout de Maslach e se encarregou de distribuir aos professores.

Na segunda fase da pesquisa (qualitativa), como instrumento utilizado para a coleta de dados os participantes foram entrevistados individualmente. Procurou-se compreender aspectos específicos da profissão de professor, investigar os sentidos atribuídos à profissão e identificar problemas relacionados, principalmente aqueles que levaram à readaptação. Também foi levantado durante a entrevista o nível de conhecimento que tais professores readaptados tinham sobre a Síndrome de Burnout. Nessa fase foi utilizada a questão de indução de metáforas – “Se a síndrome de Burnout pudesse ser outra coisa, o que seria? Pode ser um animal, um vegetal, um mineral, por exemplo. Justifique” – que oferece contribuições relevantes para estudos de representação social.

As entrevistas individuais permitem explorar com profundidade temas complexos que não seriam possíveis por meio de questionários (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999). Já por ser semiestruturada possibilita a formulação de algumas questões durante o processo de entrevista.

Para a realização das entrevistas foi utilizado um roteiro com questões que focalizam o problema em estudo (APÊNDICE A).

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para facilitar a análise de conteúdo.

4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Na fase quantitativa, o critério adotado para a escolha dos sujeitos foi aleatório, visto que o pesquisador entregou os envelopes com o Inventário de Burnout de Maslach e a diretora de cada escola se encarregou de distribuir entre os professores.

Conforme já mencionado, nessa fase os sujeitos da pesquisa foram 100 (cem) professores do Ensino Fundamental de 10 (dez) escolas públicas (10 professores em cada escola), da 3ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da cidade do Rio de Janeiro, em atividade em sala de aula, que responderam ao Inventário de Burnout de Maslach (1986).

Na fase qualitativa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 14 (quatorze) professores afastados de sala de aula e readaptados, exercendo funções administrativas por apresentarem sinais e sintomas de ordem física e emocional relacionados ao estresse. Essa escolha deve-se ao fato de que o pesquisador, em visitas a escolas públicas de Ensino Fundamental da cidade do Rio de Janeiro, para proferir palestras sobre saúde básica e prevenção às doenças crônicas, observou um grande número de professores que tinham sido readaptados e que apresentavam queixas decorrentes do estresse e que lembravam os sinais e sintomas clínicos característicos da Síndrome de Burnout. Importante ressaltar que, no âmbito da Teoria das Representações Sociais, para que se forme um conhecimento do senso comum a respeito de um objeto social é necessário que o grupo tenha acesso a informações sobre tal objeto. Se os sujeitos do grupo desconhecem o objeto, não é possível a formação de uma representação social.

Para contornar essa questão, visto que nem todos os professores sabiam definir a Síndrome de Burnout, em algumas entrevistas o pesquisador precisou explicar o que era a síndrome. Com essa explicação e esclarecimento de dúvidas, todos os entrevistados se reconheceram nos sinais e sintomas da síndrome. Por essa razão foi possível a referência a um conhecimento do senso comum e a possíveis representações sociais.

4.4 TRATAMENTOS DOS DADOS

Os dados obtidos com a aplicação do Inventário de Burnout de Maslach foram tratados por meio de estatística descritiva, visando a organizar, sumarizar e comparar, em termos percentuais, os resultados encontrados nas 10 (dez) escolas pesquisadas.

Já as evidências coletadas por meio das entrevistas foram tratadas com inspiração na análise de conteúdo temática, conforme Oliveira (2008). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2009).

Sendo assim, foi feita uma pré-análise, com minuciosa leitura e releitura das entrevistas transcritas, com o objetivo de apreender as unidades de significação e unidades de contexto que correspondessem à questão de estudo e aos dois temas inicialmente escolhidos: “Readaptação docente” e “Síndrome de Burnout, com seus aspectos médicos, psicológicos e sociais”.

Na análise de conteúdo avalia-se os aspectos psíquicos, aspectos pessoais e aspectos sociais. Como técnica de análise foi desenvolvido um sistema de codificação para organização dos dados coletados. As categorias para codificação dos dados foram separadas quanto ao contexto e quanto ao processo, a posteriori.

Para maior compreensão da análise, foram utilizados, como codificação, letras iniciais e números atribuídos ao relato. Exemplo: (P1) entrevista com o

primeiro professor. Após codificados, esses dados foram agrupados em categorias e subcategorias, dentro dos seguintes temas:

- a) Tema 1 – Readaptação do Docente
- b) Tema 2 – Síndrome de Burnout.

O tema 1 divide-se em três categorias: a) Trabalho anterior; b) Trabalho atual; e c) Razões para mudança de atividade.

As categorias Trabalho anterior e Trabalho atual se dividem nas seguintes subcategorias: a) atividade desenvolvida; b) aspectos negativos; e c) aspectos positivos. Já a categoria Razões para mudança de atividade se divide nas seguintes subcategorias: a) físicas; b) emocionais; e c) estrutura da escola.

O quadro 1 ilustra as categorias e subcategorias do tema 1.

	Categorias	Subcategorias
Tema 1	1) TRABALHO ANTERIOR	Atividade desenvolvida
		Aspectos negativos
		Aspectos positivos
	2) TRABALHO ATUAL	Atividade desenvolvida
		Aspectos negativos
		Aspectos positivos
	3) RAZÕES PARA MUDANÇA DE ATIVIDADE	Físicas
		Emocionais
		Estrutura da escola

Quadro 1: Categorias e subcategorias do tema 1
Fonte: Elaboração própria

O tema 2 divide-se em cinco categorias: a) informações do professor; b) definição; c) causas; d) prevenção; e e) dimensões.

A categoria Informações do professor se divide nas subcategorias: a) informado; b) não informado; e c) informado vagamente. As categorias Definição e Causas são divididas nas seguintes subcategorias: a) sabe; b) não sabe; e c) sabe vagamente. A categoria Prevenção se divide nas subcategorias: a) sabe; b) não sabe; c) sabe vagamente; e d) estratégias de enfrentamento. Já a categoria

Dimensão é dividida nas subcategorias: a) exaustão; b) despersonalização; c) desvalorização e abandono.

O quadro 2 ilustra as categorias e subcategorias do tema 2.

Tema 2	1) INFORMAÇÕES DO PROFESSOR	Informado
		Não informado
		Informado vagamente
	2) DEFINIÇÃO	Sabe
		Não sabe
		Sabe vagamente
	3) CAUSAS	Sabe
		Não sabe
		Sabe vagamente
	4) PREVENÇÃO	Sabe
		Não sabe
		Sabe vagamente
		Estratégias de enfrentamento
	5) DIMENSÃO	Exaustão
		Despersonalização
Desvalorização e Abandono		

Quadro 2: Categorias e subcategorias do tema 2
Fonte: Elaboração própria

Os professores entrevistados também foram solicitados a responderem a seguinte questão, de “indução de metáforas”, conforme já mencionado: “Se a Síndrome de Burnout pudesse ser outra coisa, um animal, um vegetal ou um mineral o que seria? Justifique”. As respostas foram dispostas em um quadro para facilitar a análise.

Ao analisar as categorias e subcategorias observadas nos dados da pesquisa procurou-se dar materialidade e interpretar os sentidos que os sujeitos pesquisados

atribuem ao objeto de Representação Social: a Síndrome de Burnout. Conforme descreve Moscovici (2012), as Representações Sociais possuem dois lados, duas faces, inseparáveis: a face figurativa ou imaginante do objeto e a face simbólica, que diz respeito ao sentido que o sujeito confere a esse objeto. Segundo o autor, toda representação sucede da relação do sujeito com o objeto representado. Essa relação estrutura-se no social. O núcleo figurativo é “[...] um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias” (MOSCOVICI, 2009, p. 72).

Moscovici (2012) defende que as Representações Sociais dependem do ato de ancorar e objetivar, que é o produto do exercício de transformar ideias, palavras, símbolos “não familiares” em “familiares” ou comuns ao grupo social. Segundo Moscovici (2012, p. 60) objetivar é “[...] transformar algo abstrato em algo concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico”. Ao objetivar, naturaliza-se o que é novo, o que desestabiliza, incorporando-o ao cotidiano. Objetivar e ancorar requer do pesquisador atenção aos movimentos e sentidos que estão por trás das palavras, das práticas, da cultura e da identidade do grupo pesquisado.

Com base em Moscovici (2012) e nos dados coletados, que analisados demonstram, efetivamente, como o grupo pesquisado objetiva e ancora suas representações, foi proposto o Modelo Figurativo da representação social da síndrome de Burnout por professores readaptados, apresentado na Figura 1 (p. 66).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar os resultados obtidos nas fases quantitativa e qualitativa da pesquisa.

5.1 PRIMEIRA FASE - ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE BURNOUT DE MASLACH

A Tabela apresentada a seguir sintetiza, em termos percentuais, os resultados do questionário de estresse (Inventário de Burnout de Maslach - MBI), aplicado a 100 professores de 10 (dez) escolas estudadas (10 docentes em cada escola), totalizando 100 (cem) professores.

Tabela 1: Relatório do questionário de estresse em professores - Inventário de Burnout de Maslach (MBI)

	EE = Esgotamento Emocional			PA= Realização Pessoal no trabalho				D= Despersonalização		
	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4	Escola 5	Escola 6	Escola 7	Escola 8	Escola 9	Escola 10
EE nulo	27	16	10	43	16	2	24	14	23	24
EE Baixo	20	19	14	19	26	8	18	25	34	24
EE médio	19	26	35	19	34	13	34	34	15	18
EE Alto	22	39	36	6	9	10	17	15	28	20
PA nulo	1	2	3	4	4	2	0	0	9	3
PA Baixo	3	15	12	1	2	5	4	9	7	8
PA médio	15	38	30	3	19	9	19	20	17	14
PA Alto	51	37	37	59	53	17	57	38	37	46
D nulo	32	24	34	38	45	11	29	22	27	40
D Baixo	9	21	10	2	4	6	10	6	8	5
D médio	3	14	4	3	2	1	4	7	8	2
D Alto	2	6	4	4	0	0	6	0	7	1

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 1 demonstra numericamente as três escolas que apresentaram maior número de professores propensos à Síndrome de Burnout. Como podemos observar na tabela, as escolas de número 2, 3 e 9, apresentam um elevado índice para as Dimensões EE (exaustão emocional), D (despersonalização) e um baixo índice para a Dimensão Realização Pessoal. As escolas 1, 4, 5, 6, 7, 8, 10, apresentam índice médio para as três dimensões, o que configura que 15% a 30% dos professores pesquisados apresentam alto a médio nível de exaustão emocional, alto a médio nível de despersonalização e baixo a médio nível de realização pessoal, que são sinais característicos da síndrome. A literatura sugere que a prevalência de Burnout em professores pode ser situada entre 10% a 30% (GILMONTE; CARLOTTO; CÂMARA, 2011).

O Gráfico 1 permite visualizar de modo comparativo o percentual de professores, por escola, que apresentam Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Pessoal, em nível alto, médio e baixo.

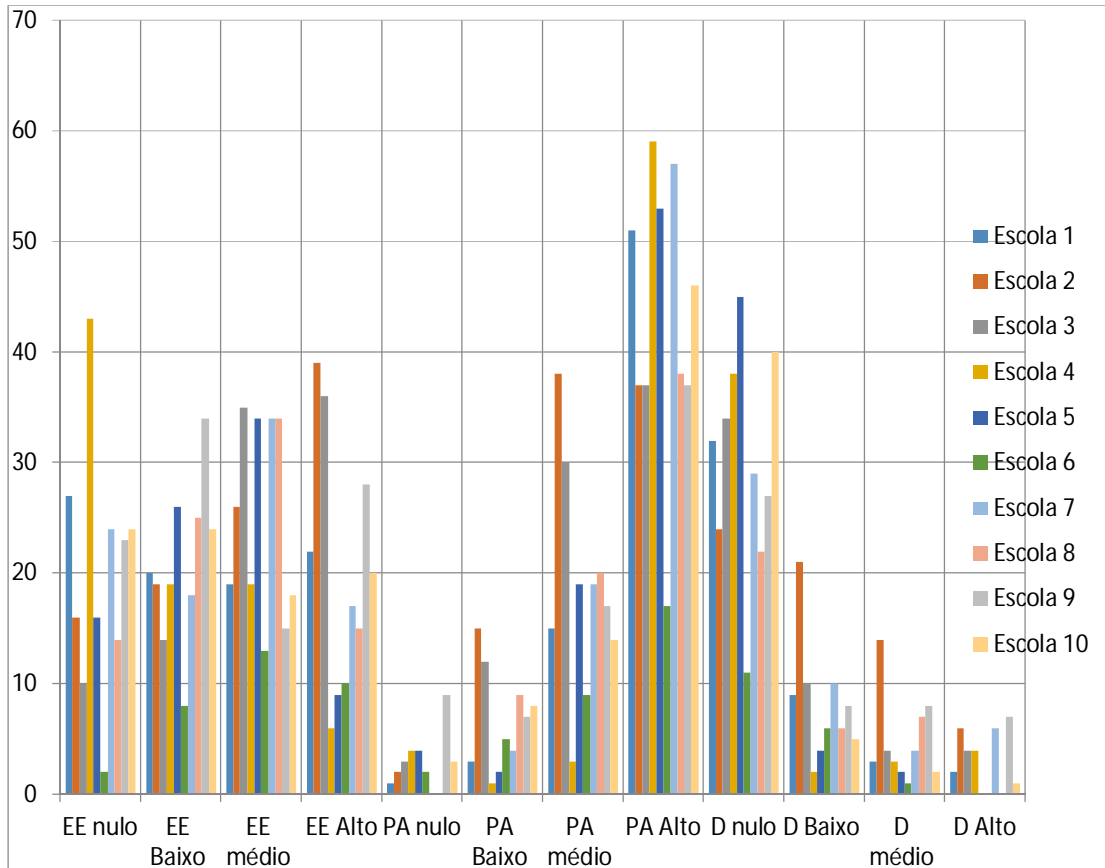


Gráfico 1: Comparativo dos resultados do percentual de professores que apresentam Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Pessoal, em nível alto, médio e baixo
 Fonte: Elaboração própria

É possível observar no gráfico acima que as escolas de número 2, 3 e 9, tem professores com alto índice nas dimensões Exaustão Emocional (EE) e Despersonalização (D) e baixo Índice na dimensão Realização Pessoal (PA), o que configura a presença de um alto percentual de professores com a SB. As escolas de número 1, 4, 5, 7, 8 e 10, tem professores com baixo a médio índice de Realização Pessoal no trabalho, um baixo a médio índice de Exaustão Emocional e um baixo a médio índice de Despersonalização, o que configura a presença de um baixo a médio percentual de professores propensos à síndrome de Burnout.

Os Gráficos 2 a 11, mostrados na sequência, apresentam o comparativo dos resultados do percentual de professores que apresentavam maior nível de estresse nas 10 (dez) escolas pesquisadas.

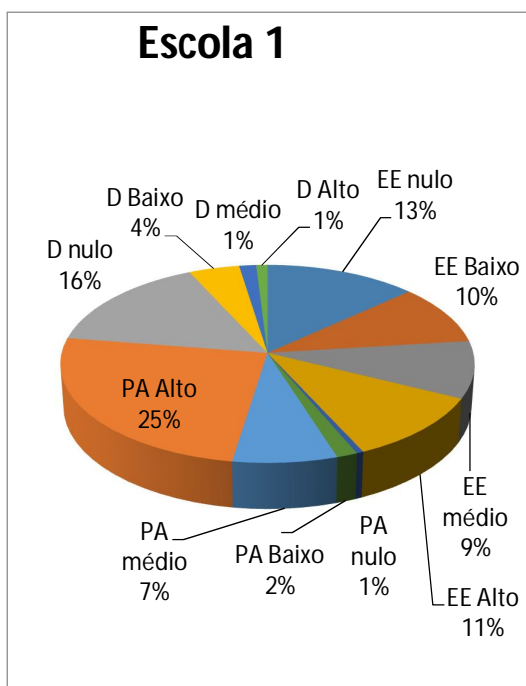


Gráfico 2: Resultados da Escola 1
 Fonte: Elaboração própria

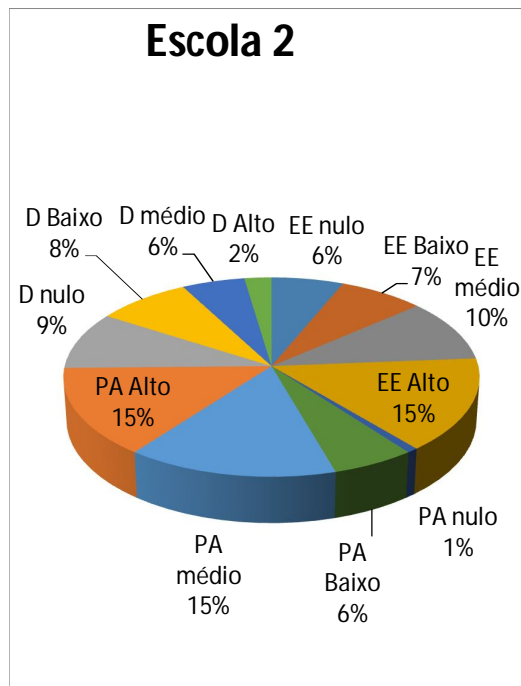


Gráfico 3: Resultados da Escola 2
 Fonte: Elaboração própria

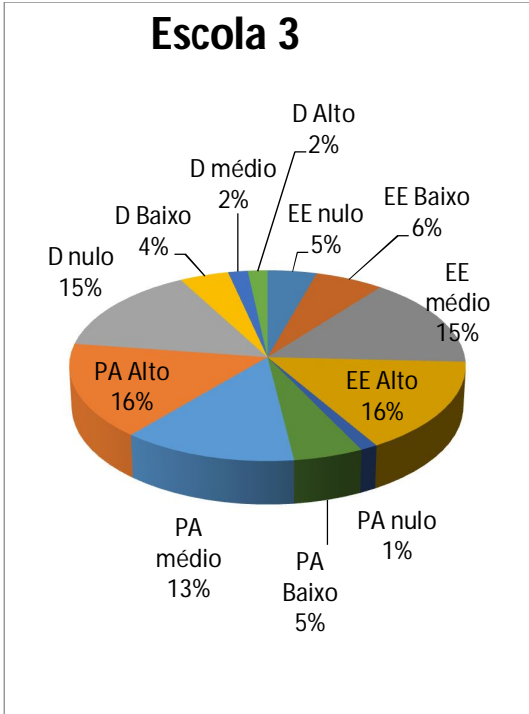


Gráfico 4: Resultados da Escola 3
Fonte: Elaboração própria

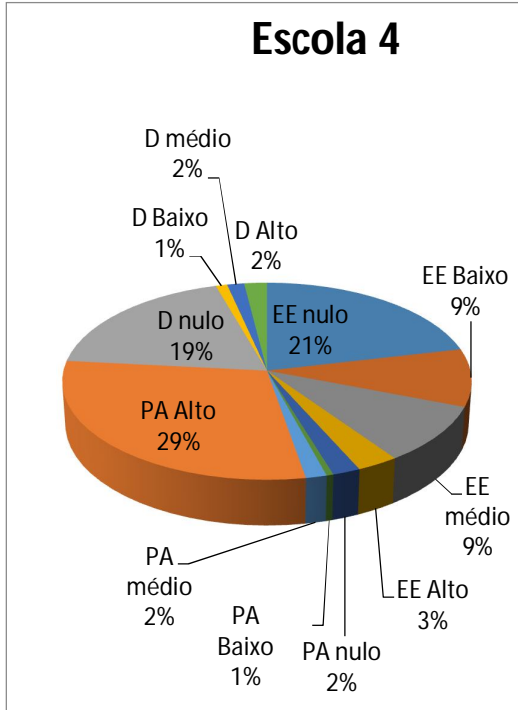


Gráfico 5: Resultados da Escola 4
Fonte: Elaboração própria

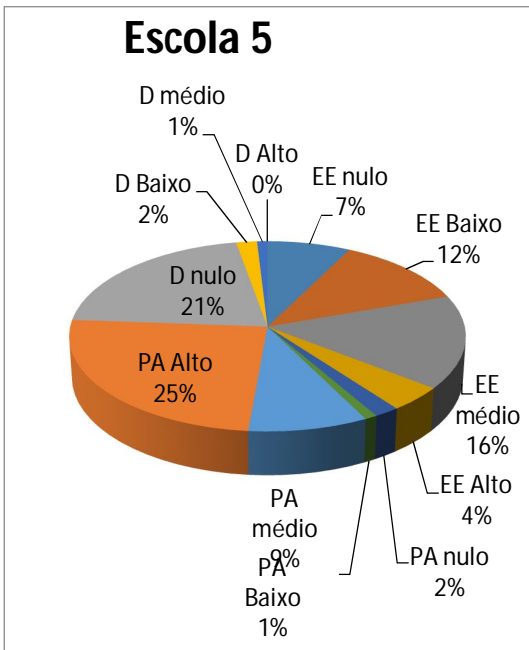


Gráfico 6: Resultados da Escola 5
Fonte: Elaboração própria

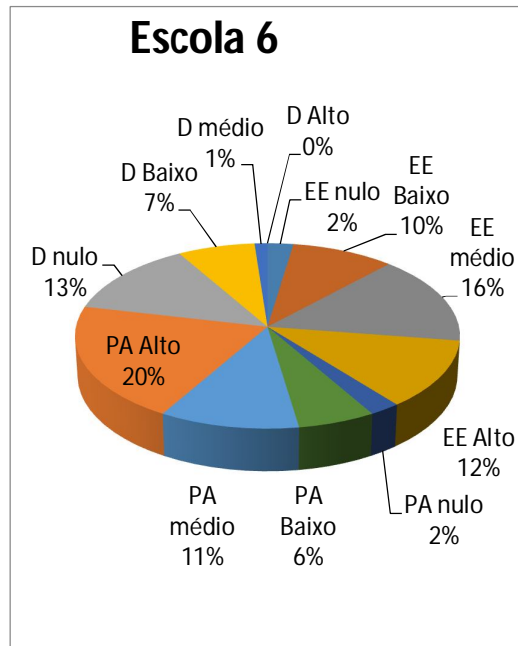


Gráfico 7: Resultados da Escola 6
Fonte: Elaboração própria

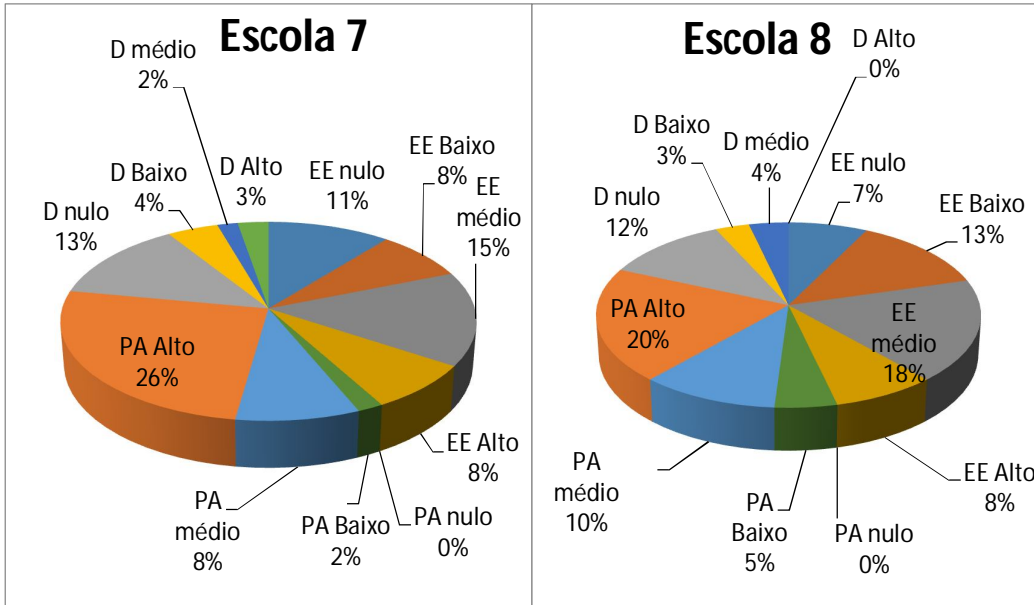


Gráfico 8: Resultados da Escola 7
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 9: Resultados da Escola 8
Fonte: Elaboração própria

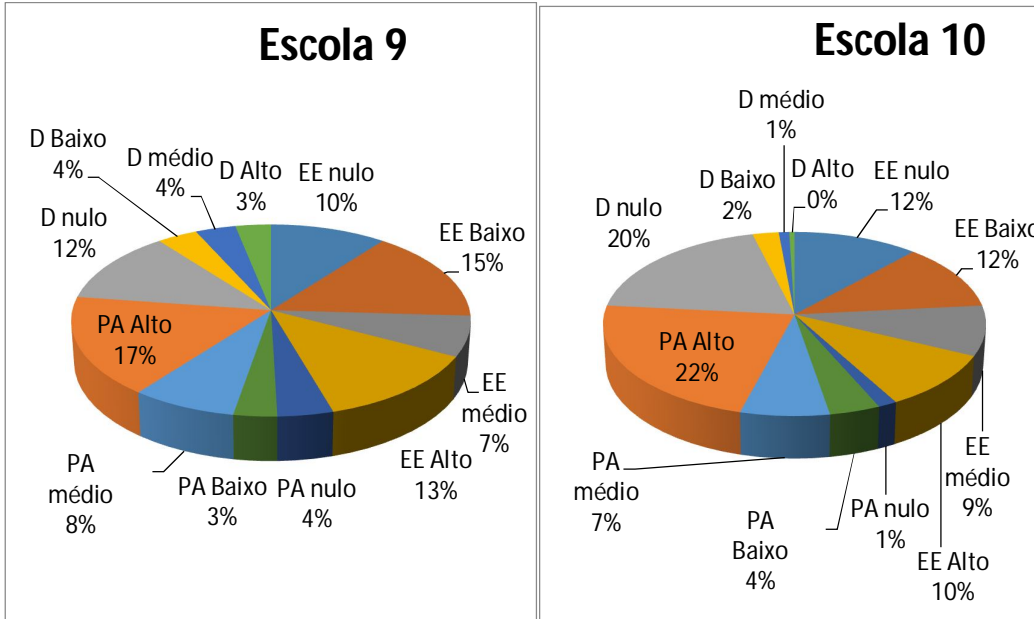


Gráfico 10: Resultados da Escola 9
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 11: Resultados da Escola 10
Fonte: Elaboração própria

Nos gráficos de número 2 a 11, podemos observar separadamente por escolas, o percentual de professores que apresentam um alto, médio e baixo nível de Exaustão Emocional (EE), Despersonalização e Realização no Trabalho.

Com o resultado observado nos gráficos, é possível perceber que a grande maioria dos professores pesquisados apresentou um alto nível de estresse, porém 30% apresentaram as características tridimensionais de Burnout (elevado nível de exaustão emocional, elevado nível de despersonalização e baixo nível de realização pessoal no trabalho). Destaca-se, ainda, que os resultados apresentados na pesquisa foram similares aos resultados de estudos realizados sobre a síndrome como os de Gil-Monte e Carlotto (2011).

5.2 SEGUNDA FASE – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Conforme foi explicitado no Capítulo 4, os dados oriundos das entrevistas foram agrupados em categorias e subcategorias, dentro de dois temas: “Readaptação do Docente” e “Síndrome de Burnout”. A seguir são apresentados os resultados da análise dos temas propostos.

5.2.1 Tema 1 - Readaptação do Docente

Na tabela 2 são apresentadas as categorias, subcategorias e frequências do Tema 1 - Readaptação do Docente, com base na análise das falas dos professores entrevistados, acompanhadas de exemplos.

Tabela 2: Categorias, subcategorias e frequências do tema Readaptação do Docente

Categorias	Subcategorias	Exemplos	Freq.
TRABALHO ANTERIOR	Atividade desenvolvida (TANAD)	Eu trabalhava como professora de turma... (P1).	14
	Aspectos negativos (TANAN)	Os pais não dão apoio. Hoje o aluno pode tudo; o aluno sempre tem razão [...] falta de educação dos alunos, falta de limites [...] a gente fica meio que refém da sociedade. (P2)	14
	Aspectos positivos (TANAP)	Os alunos veem a gente como modelo. Nós somos impactantes; nós somos formadores de consciência; nós somos formadores de valores; formadores de hábitos e atitudes [...]. Professores que falam super bem em sala de aula. Professores politizados, professores que são pesquisadores. (P5).	06
TRABALHO ATUAL	Atividade desenvolvida (TAAD)	Eu trabalho na secretaria, fazendo matrículas, atendendo aos pais. Ajudo a tomar conta do recreio e fui readaptada três vezes: como merendeira, sala de leitura e, agora, secretária. (P5).	14
	Aspectos negativos (TAAN)	As pessoas simplesmente acham que você está de enrolação ou não está trabalhando: ela não está fazendo nada na biblioteca, na administração. (P10)	06
	Aspectos positivos (TAAP)	Desenvolvo um trabalho mais tranquilo; não tenho o estresse de sala de aula. Trabalho na secretaria, não tenho o contato com o aluno. (P9).	08
RAZÕES PARA MUDANÇA DE ATIVIDADES	Físicas (RROF)	O desgaste físico, porque a maioria de nós professores <i>usamos</i> muito nossos braços, nossas mãos, a postura. É complicado. (P14).	11
	Emocionais (RROEM)	Eu não aguentava mais a sala de aula. Sofrimento. Comecei a sentir pavor de sala de aula. (P1).	12
	Estrutura da escola (RREES)	A sala de aula virou um campo de batalha e o professor está sendo massacrado e a Instituição que em tudo passa a mão na cabeça do aluno. (P8).	04

Fonte: Elaboração própria

Foram usadas siglas para identificar as subcategorias:

- Na categoria Trabalho Anterior:
 - TANAD (atividades desenvolvidas no trabalho anterior);
 - TANAN (aspectos negativos no trabalho anterior); e
 - TANAP (aspectos positivos no trabalho anterior).
- Na categoria Trabalho Atual:
 - TAAD (atividades desenvolvidas no trabalho atual);
 - TAAN (aspectos negativos no trabalho atual); e
 - TAAP (aspectos positivos no trabalho atual).

- Na categoria Razões para Mudança de Atividade:
 - RROF (razões de readaptação de ordem física);
 - RROEM (razões de readaptação de ordem emocional); e
 - RREES (razões de readaptação pela estrutura escolar).

5.2.2 Tema 2 - Síndrome de Burnout

A seguir são apresentadas as categorias, subcategorias e frequências referentes ao Tema 2 - Síndrome de Burnout, com base na análise das falas dos professores entrevistados, acompanhadas de exemplos.

Tabela 3: Categorias, subcategorias e frequências do tema Síndrome de Burnout

Categorias	Subcategorias	Exemplos	Freq.
INFORMAÇÕES DO PROFESSOR	Informado (SBIN)	Está relacionado ao estresse, desequilíbrio emocional, quantidade exacerbada de trabalho, poucas horas de descanso, muitos prazos a serem cumpridos e pouco tempo para concretizar o trabalho metodológico e pedagógico do professor. (P5).	03
	Não informado (SBNI)	Não. Nunca ouvi. (P6; P7).	06
	Informado vagamente (SBIV)	Eu já ouvi por alto; ainda não consegui ler mais a fundo. Eu sei que é uma pane que o professor pega na sua função, no seu trabalho. (P8).	06
DEFINIÇÃO	Sabe definir (SBDS)	-----	0
	Não sabe definir (SBDN)	Eu já li sobre isso; já vi na Internet, mas não me lembro. (P4).	07
	Sabe definir vagamente (SBDV)	Um pânico maior. Você não consegue lidar com aquilo, que vai num crescente e você começa a ficar incomodado e, isso tem, efeitos avassaladores na sua saúde. (P8).	03
CAUSAS	Sabe causas (SBCS)	Esta síndrome está ligada à questão da angústia, da ansiedade, da depressão. (P5).	05
	Não sabe causas (SBCN)	Também não sei, mas gostaria de saber. (P14).	06
	Sabe causas vagamente (SBCV)	Desespero em sala de aula, brigas o tempo todo. A gente passa o tempo todo angustiado. (P2)	04

PREVENÇÃO	Sabe prevenção (SBPS)	Deveria ser um trabalho preventivo, um acompanhamento mais regular, dentro da escola, com a presença de especialistas, um psicólogo atuante [...]. Eu comecei a fazer tratamento psicológico. (P5).	05
	Não sabe prevenção (SBPN)	Pode pular essa parte. (P4).	04
	Sabe prevenção vagamente (SBPSV)	Fazer terapias alternativas, como acupuntura, auriculoterapia, Reiki, tratar com psicólogo, fazer atividade física. (P8).	05
	Estratégias de Enfrentamento (SBSEE)	Eu tinha outra bagagem; se fosse outra pessoa no meu lugar não teria suportado. Fiquei deprimida, mas por eu ter uma bagagem de automotivação eu saí dessa, mas foi muito duro. Se o professor não tiver uma estrutura psicológica, ele vai entrar nessa síndrome. (P6).	02
DIMENSÕES	Exaustão (SBEX)	Eu não conseguia enfrentar a sala de aula. (P4).	03
	Despersonalização (SBDE)	O meu medo era partir para agressão física com os alunos, né [...]. Foi ficando insuportável, eu perdendo as minhas referências. Assim, né, que eu me senti (P8).	02
	Desvalorização e Abandono (SBDAB)	Muitas vezes pensei em abandonar; não queria mais dar aulas. Se eu não tivesse readaptada, já tinha pedido exoneração (P1).	06

Fonte: Elaboração própria

No Tema 2 – Síndrome de Burnout foram usadas siglas para identificação das subcategorias.

- Na categoria Informação:
 - SBIN (informado sobre a Síndrome de Burnout);
 - SBNI (não informado sobre a Síndrome de Burnout); e
 - SBIV (informado vagamente).
- Na categoria Definição:
 - SBDS (sabe definir Síndrome de Burnout);
 - SBDN (não sabe definir Síndrome de Burnout); e
 - SBDV (sabe definir vagamente).
- Na categoria Causas:
 - SBCS (sabe causas da Síndrome de Burnout);
 - SBCN (não sabe causas da Síndrome de Burnout); e
 - SBCV (sabe causas vagamente).

- Na categoria Prevenção:
 - SBPS (sabe prevenção da Síndrome de Burnout);
 - SBPN (não sabe prevenção da Síndrome de Burnout);
 - SBPV (sabe prevenção vagamente); e
 - SBSEE (sabe estratégias de enfrentamento).

- Na categoria Dimensões:
 - SBEX (Síndrome de Burnout exaustão);
 - SBDE (Síndrome de Burnout despersonalização); e
 - SBDAB (Síndrome de Burnout desvalorização e abandono).

5.2.3 Quadro de Metáforas

Conforme já mencionado, na entrevista os professores responderam a seguinte questão de indução de metáforas: “Se a síndrome de Burnout pudesse ser outra coisa, o que seria? Pode ser um animal, um vegetal, um mineral, por exemplo. Justifique”.

A metáfora é uma forma de apropriação do novo e só pode ser percebida pelos que partilham do mesmo contexto social. Segundo Mazzotti (1998), metáfora é tudo aquilo que se transporta de um contexto para o outro.

METAFORA	SIGNIFICADO
COBRA	Primeiro porque odeio cobra, segundo porque acho que ela é traiçoeira. A gente não percebe quando ela vem, a gente não vê e quando vê, já atacou. Acho que é igual a essa Síndrome de Burnout. (P1).
TOURO	Porque é um animal enlouquecido. A fúria é muito grande, o impacto é terrível. Eles são muito fortes e a gente fica a mercê. (P2).
VELA	Acho que a SB deve ser uma vela que <i>tá</i> acesa e vai se apagando, se apagando. Acho que é isso: uma vela que vai perdendo a luz. (P4).
SERPENTE	Eu transformaria essa síndrome num animal peçonhento, numa serpente [...] eu suponho que ela vai picar a presa e depois vai envolver a presa, de forma a deixar que ela não se liberte daquilo. Então, é uma coisa que vai envolvendo a pessoa de tal maneira que ela vai se desconstituindo, ela vai perdendo as forças. Se ela não tiver um socorro imediato, ela sucumbe. (P5).
CACHORRO	Um cachorro, porque do jeito que é tratado pode se tornar agressivo. Eu acho que tem tudo a ver. Um cachorro que as vezes é maltratado. (P3).
	Seria um cachorro, se fosse maltratado pelo seu dono, mas eu acho que não poderia ser um cachorro, porque a maioria das pessoas tratam bem, <i>né</i> . Acho que poderia ser o boi, porque quando vai ser morto, no matadouro, já sofre com isso. Eu acho que ele tem um pressentimento. Eu acho que poderia ser um desses animais que é abatido, que fica vivendo no cativeiro. Poderia ser um burro, que é maltratado, levando carroça. Carregam o bichinho, botam peso, <i>tá</i> se vendo que não tem uma boa alimentação. Pode ser um desses animais de carga; o boi, que eu já ouvi falar que ele escuta o outro ser morto. Ele tem um pressentimento que o fim dele vai ser aquele, eu acho que pode ser. (P6).
	Seria um cachorro, porque o cachorro está acostumado ao convívio familiar, dentro de casa e aí é banido da casa, posto para fora. Muitas das vezes pegam o animal e deixam na estrada, abandonado e o cachorro fica sem saber voltar para casa, sem saber o caminho de volta e vai se adaptar a outro ambiente, <i>né</i> . Seria isso. (P7).
	Um cachorro, porque é uma coisa sei lá, violenta, que amedronta e disso quero ficar bem longe. (P10).
LEÃO	Seria um leão, porque ele vem de mansinho e te ataca com as unhas, te arranha, te morde e no final te dá uma abocanhada. Eu acho que seria brigar contra um leão. Eu vejo dessa forma. (P8).
ÓLEO DE RÍCINO	Óleo de rícino, porque é uma doença enjoada, uma coisa enjoada, associao ao óleo de rícino, óleo mineral. (P9).
TIGRE	Seria um animal que paralise, algum animal que paralise o ser humano. (P11).
PÁSSARO	Seria um pássaro, que tentasse voar e sair daquela situação, fugir da situação. (P12).
CACTUS	Acho que seria um vegetal, porque não daria trabalho, ficaria quietinho sem dar trabalho, sem criar problemas. Deixa eu pensar que vegetal; qualquer planta. Um cacto, cheio de espinhos, mais não dá trabalho. (P13).
MACACO	Seria um animal que tivesse uma tendência de se estressar bastante, talvez pelas situações, talvez pelo habitat dele, talvez por situações que pudesse sofrer exaustão, aquela coisa toda e se tornar agressivo. Seria um macaco, pronto. (P14).

Quadro 3: Metáforas e significados
Fonte: Elaboração própria

5.3 O MODELO FIGURATIVO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE BURNOUT PELOS PROFESSORES READAPTADOS – UMA HIPÓTESE INTERPRETATIVA

Com base nos dados analisados, foi proposto um modelo figurativo da representação social de Burnout para os professores, na Figura 1, em que o “sofrimento físico e emocional” coordena e organiza o discurso do grupo.



Figura 1: Modelo Figurativo da representação social de Burnout por professores de escolas públicas em situação de readaptação – uma hipótese interpretativa
Fonte: Elaboração própria

A Figura 1, que resulta da análise de conteúdo e das figuras de linguagem expressas pelos participantes, mostra o “sofrimento físico e emocional” coordenando o discurso do grupo. O mal-estar causado pelo afastamento da sala de aula, provocando a situação de readaptação e o medo do futuro desperta sentimentos diversos: “impotência que paralisa”, “sentimento de abandono”, “abatimento”. Todos esses elementos indicam um elemento organizador do discurso: o sofrimento físico e emocional, que “ataca” tanto a mente quanto o corpo, eventualmente ocasionando “pânico”. Metáforas como “touro”, “cachorro”, “vela”, “tigre”, “macaco” descritas acima, com suas respectivas justificativas, concretizam esses sentimentos.

Segundo Mazzotti (1998), os núcleos figurativos das RS podem ser analisados por meio da metodologia integrada pela retórica. O autor defende que os núcleos figurativos dessas RS podem ser definidos por metáforas e suas relações instituídas segundo a eficácia quanto aos discursos do grupo. Mazzotti (2002), propôs a utilização da análise retórica do *corpus* de enunciados recolhidos na pesquisa com vistas a localizar a metáfora que coordena os significados da representação.

5.4 DISCUSSÃO

A coleta de dados realizada na primeira fase do estudo, através do preenchimento do Inventário de Burnout de Maslach por 100 (cem) professores do Ensino Fundamental de 10 (dez) escolas públicas do município do Rio de Janeiro, identificou que 15% a 30% dos professores apresentavam as três dimensões de Burnout, confirmando resultados encontrados na literatura (colocar entre parênteses exemplos dessa literatura!).

Com o resultado observado nos gráficos, foi possível perceber que em 03 (três) escolas (2, 3 e 9) os professores pesquisados apresentavam alto nível de exaustão, despersonalização e um baixo nível de satisfação pessoal. Nas demais escolas observou-se um médio a baixo índice para as três dimensões de Burnout, comprovando que o ensino é bastante desgastante, sendo a ansiedade e o estresse os responsáveis pela síndrome nos professores.

Sobre isso, Gil-Monte (2005) afirma que a principal dimensão da Síndrome de Burnout é a exaustão emocional e a dimensão com menor valor é a despersonalização, que é a situação em que o professor passa a tratar os alunos e colegas com indiferença, impessoalidade, com ironia e cinismo. A baixa realização pessoal no trabalho tem um valor significativo para a caracterização da Síndrome, sendo a dimensão que leva ao abandono da profissão, pois o professor se sente desvalorizado e sem apoio dos pais dos alunos e da Instituição.

Na segunda fase da pesquisa, a análise dos dados coletados por meio de entrevistas com 14 (quatorze) professores em situação de readaptação mostrou que as representações sociais, criadas e compartilhadas pelo grupo, se mostram nas falas significativas dos docentes pertencentes ao grupo de “professores

readaptados”, que evidenciam que há um conhecimento do senso comum, socialmente elaborado e partilhado pelos sujeitos da pesquisa, organizado “sofrimento físico e emocional”, o qual coordena os significados expressos no núcleo figurativo da representação da SB.

A Síndrome de Burnout, que é uma doença causada pelo estresse, também conhecida como Síndrome do Esgotamento, por que leva a uma paralisia de forças e sentimentos que acaba se convertendo numa perda de vontade de trabalhar e até de viver, desencadeia enorme sofrimento. Atuando sob pressão e com muito trabalho, há um gasto extra de energia e aí surgem os sintomas como irritabilidade, falta de desejo sexual, transtorno de sono, diminuição da motivação e sintomas depressivos, que podem desaparecer quando o estresse termina. Porém, nas situações em que um desafio emenda-se no outro, não se tem tempo para parar, e sente-se o tempo todo obrigado a cumprir expectativas elevadas, com medo ou excessivamente ansioso por algo, há uma sobrecarga do sistema nervoso e se a tensão se torna crônica, a Síndrome se manifesta como uma desordem generalizada, causando problemas físicos e emocionais, o que ficou claro nas falas dos entrevistados quando questionados sobre a SB:

[...] o desgaste físico, porque a maioria de nós professores *usamos* muito nossos braços, nossas mãos, a postura. É complicado. (14).

Fui readaptada por problemas de coluna. (P1).

Minha primeira readaptação foi devido à voz. (P3).

Eu tive problemas físicos, queda de cabelo, unha fraca, a minha imunidade baixou muito e eu perdi a voz. (P8).

[...] um câncer, que não posso atribuir totalmente a carreira, mas ajudou demais.[P12].

[...] sala de aula. Sofrimento. Comecei a sentir pavor da sala de aula. (P1).

Está relacionado ao estresse, desequilíbrio emocional, quantidade exacerbada de trabalho, poucas horas de descanso, muitos prazos a serem cumpridos e pouco tempo para concretizar o trabalho metodológico e pedagógico do professor. (P5).

Eu já ouvi por alto; ainda não consegui ler mais a fundo. Eu sei que é uma pane que o professor pega na sua função, no seu trabalho. (P8).

Um pânico maior. Você não consegue lidar com aquilo, que vai num crescente e você começa a ficar incomodado e, isso tem, efeitos avassaladores na sua saúde. (P8).

Desespero em sala de aula, brigas o tempo todo. A gente passa o tempo todo angustiado. (P2).

O meu medo era partir para a agressão física com os alunos, *né...foi* ficando insuportável, eu perdendo as minhas referencias, assim né, que eu me senti. (P8).

Muitas vezes pensei em abandonar; não queria dar mais aulas. Se eu não tivesse readaptada, já tinha pedido exoneração. (P1).

Quanto às causas de esgotamento do professor que leva ao estresse e, conseqüentemente, ao desgaste físico e emocional, três aspectos se destacam: a) o individual e psicológico; b) o social; e c) a própria estrutura da escola, a organização e o ambiente do trabalho.

O primeiro aspecto individual e psicológico ocorre quando o professor não se importa de se entregar ao estresse ou não percebe os seus sinais. As causas psicológicas podem ser prevenidas através de *coping*, que são estratégias que cada indivíduo escolhe para evitar o estresse, seja uma caminhada na praia, um fim de semana na fazenda, um bate papo com os amigos, uma ida ao *shopping*, ao cinema, ao teatro, enfim, formas de amenizar o estresse. As terapias ditas alternativas também podem ajudar no tratamento inicial do estresse, como observado nas falas dos professores quando questionados sobre prevenção ao Burnout:

Deveria ser um trabalho preventivo, um acompanhamento mais regular, dentro da escola, com a presença de especialistas, um psicólogo atuante. (P5).

Alguma atividade como relaxamento, massagem, alguma atividade que pudesse oferecer ao professor [...] palestras que pudesse orientar a gente, devia ter um psicólogo na escola. (P6).

[...] que se forme um núcleo de profissionais capacitados, como psicólogos, sociólogos, uma equipe multidisciplinar, que possa trabalhar na sala de aula. (P8).

Acredito que atividade física. (P1).

O professor tem que tentar não se contaminar com essa poluição em sala de aula [...] fazer terapias alternativas como acupuntura, auriculoterapia, Reiki, tratar com psicólogo, fazer atividade física. (P8).

O aspecto social é decorrente da pressão que vem da sociedade, das exigências do trabalho, dos prazos cada vez mais curtos, das metas a serem alcançadas e das convenções sociais que os professores são obrigados a cumprir. Para sua prevenção é preciso que o professor faça uma mudança de interesses e necessidades: “Afinal, preciso mesmo dar aula nos três turnos, em três escolas diferentes?” “As metas a serem cumpridas são mesmo imprescindíveis?” “Será que estou fazendo aquilo que gosto realmente?” “Será que, realmente, desejo continuar na profissão?” Responder não é simples. A resposta exige um autoconhecimento ao

qual nem todos estão dispostos, como percebido nas falas dos professores readaptados participantes da pesquisa:

Muitas atividades, mais de um emprego, correria de um lugar para outro, cobrança, prazo para elaborar provas. (P11).

Nós não somos remunerados adequadamente e isso nos faz trabalhar além do normal. (P6).

Muitas vezes senti o desejo de abandonar a sala de aula, barulhenta e improdutiva. (P4).

Eu já pensei sim, certa vez, em jogar tudo pro alto. (P5).

A maioria dos professores está desistindo da profissão, porque a saúde vale mais do que o financeiro. O salário é muito pouco. (P8).

A maioria dos professores enfrenta esse problema: ansiedade, depressão. Muitos abandonam a profissão. Isso é comum. (P11).

Professor tendo crise de pânico, crise de choro, vontade de largar a profissão. Muitos largam. (P12).

O terceiro aspecto que leva o professor ao desgaste físico e emocional está relacionado à própria estrutura da escola, à organização e ao ambiente do trabalho. Se o professor possui pouca liberdade no ambiente de trabalho, se sofre pressão ou algum tipo de *bullying*, seja por parte da Direção da escola ou de pais e alunos, é possível que seja submetido a um estresse significativo, o que demanda uma reestruturação do meio. Porém, isso não depende somente dele, mas de políticas de investimento na educação e, principalmente, na saúde do professor que, como foi visto nas falas dos entrevistados, está longe de acontecer:

Falta investimento na educação, repensar o modelo educacional que é feito hoje. (P11).

[...] apoio ao professor, palestras. (P2).

Se o professor não tiver uma estrutura psicológica, ele vai entrar nessa síndrome. (P6).

Tem professor que exonerou, se afastou por motivo de saúde. O professor não está aguentando mais ser professor. (P8).

Temos que ter equilíbrio físico, mental e psicológico. (P14).

O que faz a doença do professor é o trabalho. (P6).

[...] programa de saúde vocal que não contemplava todas as professoras doentes. (P5).

[...] é como se os readaptados estivessem fora do prazo de validade. (P5).

A gente que está na secretaria, passa por alguma má educação até dos pais [...] para o gestor, o professor só é valorizado quando está trabalhando; quando não está, ele é descartável. (P8).

A gestão da maioria das escolas é acuada, são poucas as escolas que dão apoio. (P11).

O professor entra na escola em pânico, com medo de ser agredido pelo educando ou pelo pai do educando. (P12).

A Síndrome da Exaustão ou Síndrome de Burnout sempre confronta o profissional com as seguintes perguntas: “Meu trabalho como professor faz sentido para mim?” “Encontro algum valor pessoal em minhas tarefas?” Se o professor se sente desmotivado, desvalorizado, exausto, não dando conta de seus afazeres, faltando com suas responsabilidades, pode estar entrando na primeira dimensão de Burnout, definida por Maslach (1981), como observado na seguinte fala:

Deixa a pessoa muito pra trás, muito enfraquecida, muito desmotivada. (P6).

No caso de o professor apresentar comportamento agressivo com os alunos e seus colegas de trabalho, com atitudes que jamais reconheceria como suas, pode estar entrando na segunda dimensão de Burnout, que é a despersonalização, como pode ser percebido em algumas falas dos entrevistados:

[...] daqui a pouco eu vou estar matando uma criança. (P1).

O meu medo era partir para a agressão física com os alunos, né. (P8).

As vezes, dada a exaustão, você não consegue mais controlar o psicológico. (P14).

Eu perdia a paciência [...], porque ninguém é de ferro. (P5).

O desgaste emocional ocasionado pela exaustão, despersonalização e sentimento de desvalorização do trabalho é um estado que chega como consequência de uma reação em cadeia que não permite ao professor sentir-se pleno e satisfeito com o que está fazendo. O estresse que leva à Síndrome do Esgotamento está relacionado com fazer algo sem sentimento, sem sentir o valor do que está fazendo, sem dar valor a si mesmo, chegando ao estágio que não enxerga mais valor no processo e, então, se desenvolve o estado de depressão e abandono da profissão, conforme detectado nas falas a seguir:

A maioria dos professores enfrenta esse problema: ansiedade, depressão, Muitos abandonam a profissão. Isto é comum. (P11).

[...] professor tendo crise de pânico, crise de choro, vontade de largar a profissão. Muitos largam. (P12).

Eu tinha outra bagagem; se fosse outra pessoa no meu lugar não teria suportado. Fiquei deprimida, mas por eu ter uma bagagem de automotivação eu saí dessa, mas foi muito duro. (P6).

O que fazer para prevenir a Síndrome da Exaustão ou Síndrome de Burnout? Muitos aspectos se resolvem se o professor identifica a causa do problema, porém fica mais difícil identificar a causa se não se conhece o problema, como ficou claro nas falas:

Vão conheço essa síndrome. (P11).

Não, não sei da Síndrome de Burnout. (P12).

Eu até já escutei falar, mas não me lembro. Sim, eu já ouvi falar, eu já ouvi falar, esse nome não me é estranho. (P1).

Eu já ouvi falar, mas não me aprofundei a respeito. (P9).

Conforme já mencionado, o pesquisador explicou o que era a síndrome e os professores se reconheceram nela. A prevenção da Síndrome do Esgotamento ou da Exaustão nos professores necessita que os mesmos tenham conhecimento das causas, sinais e sintomas característicos. A prevenção da Síndrome começa com uma mudança radical na rotina do professor, com maior tempo para cumprir as tarefas, delegando responsabilidades, colocando objetivos realistas, ou simplesmente “dando um tempo”, “se desligando” das obrigações. Se o professor não se permite esse tipo de postura, já pode estar apresentando os sintomas da Síndrome. É preciso pensar de que maneira é possível reduzir a pressão por parte da Instituição e da sociedade e como se proteger disso.

Em algumas situações, pode ser benéfico abrir mão de uma das matrículas ou cargos no trabalho até que se resolva as causas do estresse. É possível prevenir a Síndrome da Exaustão fazendo algumas perguntas simples: “Porque estou fazendo o que faço?” “Para que vou todos os dias à escola dar aulas?” “Isso representa algum valor para mim?” “Gosto do que estou fazendo?” “Estou sendo valorizado na minha profissão?” As falas dos professores foram bem evidentes e, nesse sentido, declararam:

O professor tem que ensinar hábitos; tudo é com o professor. Ai, cada vez fica mais difícil. (P3).

O salário do professor, ainda que ele tenha duas matrículas, não é suficiente para dar uma vida digna. (P5).

Esse trabalho deixou umas coisas negativas, no sentido de que a gente não é reconhecida e é desvalorizada. (P5).

Eu falei com a diretora que não achava correto a forma com que ela tratava os professores. (P6).

O professor está segurando uma barra muito pesada atualmente. (P9).

Nós não vemos um resultado efetivo no nosso trabalho com os alunos. É difícil. (P10).

Em sua dimensão social, a readaptação profissional pode ter valor, pois se evita de aposentar o trabalhador que ainda tem condições de contribuir com a sua experiência profissional e social. Sobre a readaptação dos professores que são mantidos na escola após terem sido acometidos pelo adoecimento devido ao estresse vivido na rotina de sala de aula, o universo escolar parece não se inquietar suficientemente com essa situação. Algumas falas mostram sentimentos de desvalorização, por não terem o reconhecimento dos pais e dos alunos e da Instituição. Professores readaptados que participaram desse estudo expressam a ausência de um vínculo empregatício que lhes dê dignidade:

Não ter um salário digno para manter uma qualidade de vida [...] é como se o professor readaptado estivessem fora do prazo de validade. (P5).

Pelo ponto de vista financeiro, o professor perde, porque não pode fazer horas extras, não pode ter uma função gratificada. (P9).

Agora faço um trabalho rotineiro, que para mim não é muito interessante. (P14).

A gestão da maioria das escolas é acuada, são poucas as escolas que dão apoio. (P11).

Como percebido nessas falas, os professores em situação de readaptação se sentem ainda mais desvalorizados que quando se mantinham em sala de aula. De acordo com o estudo, considera-se que a readaptação é um processo complexo, em que a saúde do professor readaptado é reduzida aos distúrbios clínicos e a única conduta “terapêutica” é afastá-lo da sala de aula, do convívio com os alunos, que é o motivo de seu estresse e, conseqüentemente, de seu adoecimento. Não se leva em consideração a análise do contexto de trabalho que gerou o adoecimento, como as más condições de trabalho, a sobrecarga de aulas, o número excessivo de alunos, os prazos, as demandas, o baixo salário, a multiplicidade de empregos, chegando a trabalhar em três turnos consecutivos. Existe a falta de programas para prevenção e preservação da saúde dos professores, como evidenciado nas seguintes falas:

Deveria ter um trabalho preventivo, um acompanhamento mais regular dentro da escola, com a presença de especialistas, um psicólogo atuante. (P5).

[...] que se forme um núcleo de profissionais capacitados, como psicólogos, sociólogos, uma equipe multidisciplinar, que possa trabalhar na sala de aula. (P8).

A readaptação, conforme observado neste estudo, é um dos indicadores do processo de precarização e degradação da saúde do professor. Diante da análise das entrevistas ficou clara a ausência de uma política de saúde voltada para o professor, principalmente aqueles em situação de readaptação que carecem de programas de inclusão e aprimoramento nas metodologias de intervenção (SOUZA; BRITO, 2012).

O estudo de Representações Sociais proposto por Moscovici (1961) desde sua obra seminal define ancoragem e objetivação como processos fundamentais no funcionamento da RS. O estudo de RS no campo da educação é importante para entender “[...] como se formam e como funciona os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana”. (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 60). Segundo Jodelet (2001, p.17), a Teoria da Representação Social, “[...] nos guia no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e eventualmente posicionar-se frente a eles de forma defensiva”. Sobre os conceitos de objetivação e ancoragem que formam a RS, Moscovici (1996, p. 289) afirma que a objetivação refere-se “[...] a passagem de conceitos ou idéias para esquemas ou imagens concretas, os quais, pela generalidade de seu emprego se transformam em sujeitos reflexos do real”. A “ancoragem é “[...] uma rede de significações em torno do objeto, relacionado os valores e práticas sociais”.

Segundo Mazzotti (2002), estima-se que a produção de metáfora é um processo de produção de significados e na base do processo de metaforização encontram-se inferências quase-indutivas que têm a forma de silogismos retóricos que pode orientar o estabelecimento de categorias. Os marcadores de metáforas são desenvolvidos por comparativos, como ocorreu nas entrevistas, em razão da indução de metáforas, em que os professores eram solicitados a comparar a Síndrome de Burnout a uma outra coisa, que poderia ser animal, vegetal ou mineral. Foram registradas, então, as seguintes falas:

Seria uma cobra. Primeiro porque odeio cobra; segundo porque acho que ela é traiçoeira. A gente não percebe quando ela vem; a gente não vê e quando vê, já atacou. Acho que é igual a SB. (P1).

Seria um touro, porque é um animal enlouquecido. A fúria é muito grande, o impacto é terrível. Eles são muito fortes e a gente fica a mercê. (P2).

É como um cachorro, porque do jeito que é tratado pode se tornar agressivo. Eu acho que tem tudo a ver. Um cachorro que as vezes é maltratado. (P3).

Acho que a SB deve ser uma vela que tá acesa e vai se apagando, se apagando. Acho que é isso: uma vela que vai perdendo a luz. (P4).

Eu transformaria essa síndrome num animal peçonhento, numa serpente [...] eu suponho que ela vai picar a presa e depois vai envolver a presa, de forma a deixar que ela não se liberte daquilo. Então, é uma coisa que vai envolvendo a pessoa de tal maneira que ela vai se desconstituindo, ela vai perdendo as forças. Se ela não tiver um socorro imediato, ela sucumbe. (P5).

Seria um leão, porque ele vem de mansinho, te ataca, te arranha, te morde [...]. Eu acho que seria brigar contra um leão. Eu vejo dessa forma. (P8).

É como óleo de rícino, porque é uma doença enjoada, uma coisa enjoada, associo ao óleo de rícino, óleo mineral. (P9).

Seria como um tigre, um animal que paralise o ser humano. (P11)

Seria como um pássaro que tentasse voar e sair daquela situação. (P12).

Os marcadores de metáforas também podem ser reconhecidos por meio de expressões, como revelam os entrevistados quando perguntados sobre as informações que têm da SB, como no exemplo a seguir:

Eu já ouvi por alto [...] sei que é uma pane que o professor pega na sua função, no seu trabalho. (P8).

Na verdade não se trata de uma “pane” e muito menos algo que se “pega” no trabalho. Essas são duas imagens (“pane” e “pega”) que lembram a representação de “sofrimento físico e emocional”, que coordena o núcleo, ou modelo figurativo da representação de SB pelos professores.

Segundo Mazzotti (2002), caso se considere que os núcleos figurativos das representações sociais são constituídos por metáforas, estas devem ter sentenças com significados para o grupo, pois elas só podem ser compreendidas integralmente pelos que partilham do mesmo campo semântico ou pelos que se encontram no mesmo contexto social.

Para o autor, as metáforas têm identidade com o núcleo figurativo das representações porque ambos resultam do mesmo processo de significados. A metáfora não é apenas uma figura de estilo ou um ornamento dos discursos, mas uma forma de assimilação do novo, que deve tornar-se conhecido pelos membros

de um grupo social. Mazzotti (2002) afirma, ainda, que as metáforas cognitivas organizam as representações, determinando os lugares ou “topóis” que se encontram presentes em todas as formas argumentativas.

Moscovici e Vignaux (1994) propõem que as representações sociais sejam entendidas a partir do conceito de temas ou ideias-fontes, ou conceitos-imagens, em que se concluiu que o núcleo figurativo das representações sociais é constituído por figuras de retórica, especialmente a metáfora. A análise das metáforas requer controles como os fornecidos pela análise dos discursos. Segundo Jodelet (2001), essa metodologia permite que se compare as metáforas que circulam, com o objetivo de definir os processos de distorção, desfalque e suplementação de elementos da representação, característicos da objetivação.

A metáfora fornece significados para as premissas, para os argumentos. Nietzsche sustenta que “a metáfora é uma verdade tornada usual”. A metáfora é a única figura de pensamento que institui os significados. Metáforas como “cobra”, “touro”, “cachorro”, “vela”, “leão”, “óleo de rícino”, “tigre”, “passaro”, com seus significados descritos anteriormente, podem ser entendidas como “sofrimento físico e emocional”, causado pelo afastamento dos professores da sala de aula, por consequência do estresse. Esse sofrimento manifesta-se de várias maneiras e em vários níveis, não se restringindo à sala de aula. O sofrimento físico transparece nas falas dos professores sobre as razões para a mudança de atividade. Ao ser conduzido por força da sua condição de saúde a abdicar de suas funções e assumir atividades para o qual não se preparou, o professor se sente diminuído em seu papel de formadores de opinião e cidadania, além de transmissores de conhecimento. Passa a ser um colaborador administrativo que vive com desconfiança dos demais colegas, que não o vêem como uma pessoa doente, e sim como um “armador”, pois suas “doença” não aparece, muitas das vezes no corpo físico, e sim no emocional. A readaptação faz com que o professor se sinta útil de alguma forma, e mantenha seu salário e seus direitos previdenciários, porém o “sofrimento físico e emocional” ocasionado pela estresse permanece, mesmo que de forma disfarçada, o que de certa forma dificulta o seu tratamento, que para resolução da síndrome, deverá ser de forma multidisciplinar.

6. CONCLUSÕES

Os resultados apresentados pela pesquisa, cujo pano de fundo é a realidade da escola e as representações dos professores em relação à Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento, conduziram a informações importantes sobre a realidade dos professores em situação de readaptação e mostraram o desconhecimento de que seu problema pode ser consequência dessa Síndrome, o que pode prejudicá-los quanto aos cuidados com a sua saúde. Como foi ressaltado anteriormente, durante a entrevista o pesquisador explicou o que é a síndrome aos professores que não a conheciam, pois sem informações sobre o objeto não é possível a elaboração de uma representação social pelo grupo. Depois de esclarecidos, os docentes se reconheceram nos sinais e sintomas da síndrome, sendo assim possível fazer referência a um conhecimento do senso comum e a possíveis representações sociais.

Os resultados também mostraram ausência de investimentos no aspecto físico e estrutural da escola, já que o aspecto organizacional também é um fator de influência para a manifestação de Burnout. Neste estudo ficou evidenciado que a política de readaptação precisa de uma reformulação, pois readaptar não é tratar, muito menos curar os males que levaram ao adoecimento do professor e consequente afastamento de sala de aula, conduzindo ao processo de readaptação. Os discursos ouvidos deixam claro que a inclusão dos professores readaptados, assim como a prevenção dos fatores estressantes que levam ao adoecimento ainda não existem, pois são pouco considerados pelos governantes. Conclui-se que não há uma política para valorização do professor, em especial os readaptados, que tenha, também, como compromisso social a sua formação, a sua cidadania, mesmo não estando em sala de aula. Assim sendo, considera-se as questões e respostas contidas nesse estudo relevantes para serem discutidas nas Instituições, levando a um maior conhecimento dos professores sobre a Síndrome de Burnout, com conhecimentos e conceitos médicos e psicológicos que possam servir para prevenir a doença que tanto acomete os professores, retirando-os de seu compromisso profissional quando colocados em situação de readaptação.

A análise dos resultados indicou, como hipótese interpretativa, que a representação social do grupo a respeito de Burnout parece se objetivar, se materializar, no “sofrimento físico e emocional”.

Os professores entrevistados fazem referência ao contexto escolar como um dos fatores que causa o mal-estar docente. Quando questionados sobre as estratégias para prevenção à Síndrome e, conseqüentemente, ao “sofrimento físico e emocional”, os professores demonstraram não saber lidar com o estresse que leva à doença e desconhecer as estratégias para preveni-la.

A análise temática, incluindo a indução de metáforas, evidenciou que existe um conhecimento do senso comum partilhado pelos professores no ambiente escolar sobre a SB. Nas entrevistas realizadas, quando os professores se referiam à SB, ou algo sobre os seus sinais e sintomas, foi se reforçando o sentimento de sofrimento, com efeitos na saúde física e emocional.

As falas dos professores entrevistados refletem a “impotência que paralisa”, o “sentimento de abandono”, o “abatimento”, a “apatia”, o “maltrato”, o “medo” e o “mal-estar” pelo afastamento da sala de aula, causando intenso “sofrimento físico e emocional” aos professores readaptados.

A proposta do modelo figurativo da representação social apresentada na Figura 1 baseia-se na Teoria das Representações Sociais e toma como referência a abordagem processual de Moscovici (2012, p. 114), pela qual “[...] o modelo descrito como figurativo, é não só uma maneira de classificar informações, mas o resultado da coordenação que caracteriza cada termo da representação”.

Ao analisar os dados coletados nas entrevistas, compreendeu-se que a Representação Social da Síndrome de Burnout elaborada pelos professores readaptados reforça a objetivação no “sofrimento físico e emocional”. Ao objetivar, o grupo materializa e torna familiar o significado que a SB possui no contexto social de sofrimento, impotência que paralisa, sentimento de abandono, abatimento, apatia, maltrato e medo, que leva ao mal-estar, pelo afastamento de sala de aula.

A objetivação e a ancoragem, segundo Moscovici (2012, p. 61), não ocorrem separadamente, “[...] no momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela”. Moscovici (2012, p. 61) refere ainda que

“[...] ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. Ainda, segundo Moscovici (2012), existe resistência quando não conseguimos avaliar e descrever alguma coisa para nós mesmos ou para outros. Ele afirma que objetivar é descobrir a qualidade imagética de uma ideia ou reproduzir um conceito em uma imagem. A ancoragem ligada à objetivação passa a ter significado para o grupo de pertença quando vinculada e arraigada na crença do grupo, em seus valores e conhecimentos, sendo incorporada como representação (ALVES-MAZZOTTI, 1994; NÓBREGA, 2001; JODELET, 2001). Neste estudo a ancoragem pode ser verificada no contexto da “readaptação”. A readaptação tornou-se a “solução” para os problemas de saúde dos professores, principalmente os relacionados ao “sofrimento físico e emocional”, que justificam a mudança de atividade, conforme registrados nas falas dos professores entrevistados. Fica claro que a maioria das escolas não dão o apoio devido aos professores que adoecem.

Concluiu-se que não existe uma preocupação da Instituição em relação à saúde do professor, principalmente aqueles mantidos na escola em situação de readaptação. Os dados demonstram que há um alto risco de novos professores desistirem da profissão ou serem readaptados por apresentarem sinais e sintomas característicos da Síndrome, que de acordo o estudo, ficou entre 15% a 30%. Esses professores apresentam sentimentos relacionados às três dimensões de Burnout defendidas por Maslach e Jackson (1981), que são: exaustão, despersonalização e desvalorização no trabalho. Os significados atribuídos à Síndrome, como: impotência que paralisa, sentimento de abandono, apatia, maltrato, abatimento e medo, causam um mal-estar nesses professores afastados de sala de aula, que demonstraram em suas falas, o “sofrimento físico e emocional”, termos que organiza o discurso do grupo.

O “sofrimento físico e emocional” ficou bastante claro quando os professores responderam por meio da “indução de metáforas”, para explicar como comparariam a Síndrome a alguma coisa que poderia ser um animal, um vegetal ou um mineral. As respostas atribuídas à Síndrome demonstraram que os professores exprimem intenso sofrimento, que paralisa, que é impactante, terrível, que vai envolvendo, perdendo as forças, vai se desconstituindo, até se transformar em agressividade, maltrato, abandono, violência, enjoo, fuga, apatia e exaustão.

A partir da análise das entrevistas foi possível chegar a um elemento organizador do discursos, que expressa o processo de objetivação: o “sofrimento físico e emocional” em que os sujeitos se encontram, em que se sentem “atacados” não só na mente, mas no corpo também. Vários entrevistados reconheceram a Síndrome em si mesmos, o que demanda atenção das escolas quanto a enfrentar o mal-estar de profissionais em seu cotidiano, que muitas vezes remete a um problema de saúde. Propõe-se como uma pista para a ancoragem, a busca do enraizamento desse sofrimento na situação de readaptação. Faz-se necessário, portanto, maior compreensão sobre as circunstâncias em que se encontram essas pessoas no interior do espaço escolar e reflexões sobre o modo como podem ser melhor amparadas.

A pesquisa procurou mostrar a relevancia do estudo das Representações Sociais na Síndrome de Burnout. Espera-se que os resultados obtidos possam estimular o poder público, em especial os gestores educacionais, a ampliar o olhar em relação à saúde dos professores e o nível de estresse a que estão submetidos em sua rotina de trabalho.

O estudo apresentado trata da realidade atual dos professores do ensino fundamental de escolas públicas da Cidade do Rio de Janeiro em situação de readaptação e necessita de aprofundamento em trabalhos futuros, pois tem sido um grande entrave estabelecer o nexos causal entre a SB, enfermidade decorrente do estresse laboral crônico e a atividade laboral desenvolvida pelos professores.

É necessário compreender a readaptação como um dos indicadores do processo de precarização e degradação da saúde do professor, pois readaptação não é tratamento, e sim um processo paliativo que não leva a cura da síndrome. Diante da análise das entrevistas, ficou explícita a ausência de uma política de saúde no trabalho do professor, em especial, os readaptados. Este estudo nos permitiu entender que a política de readaptação precisa de uma reformulação que inclua maior divulgação e discussões sobre a síndrome no meio escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 60-78, jan./mar. 1994.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ARAÚJO JÚNIOR, F. M. **Doença Ocupacional e Acidente do Trabalho: Análise Multidisciplinar**. São Paulo: LTr, 2009.
- ARBEX, A. P. S.; SOUZA, K. R.; Mendonça, A. L. O. **Trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública**. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v23n1/15.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BATISTA, J. B. V. **Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental: um problema de saúde pública não percebido**. 2010. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, 2010. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10509>>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- BATISTA, J. B.; CARLOTTO, M. S.; COUTINHO, A. S. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Rev. Bras. Epidemiol**, 13(3), p. 502-512, set. 2010.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Burnout: uma tão conhecida desconhecida síndrome. In: LEVI, G. C. T. M.; SOBRINHO, F. P. N. (Orgs.). **A Síndrome de Burnout em Professores do Ensino Regular: Pesquisa, Reflexões e Enfrentamento**. Rio de Janeiro: Cognitiva, 2010. p. 39-45.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T.; ALVES, R. N. **Quem cuida também merece cuidados: conhecendo e prevenindo o Burnout**. Maringá: UEM, 2003.
- BRANDÃO, C. **Acidente do trabalho e responsabilidade civil do empregador**. 3. ed. São Paulo: LTr, 2009.
- BRASIL. **Decreto Nº 3048, de 06 de maio de 1999**. Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. 1999a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- _____. **Decreto Nº 6042, de 12 de fevereiro de 2007**. Altera o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, disciplina a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção - FAP e do Nexo Técnico Epidemiológico, e dá outras providências. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6042.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Lei Nº 8213, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portal da Saúde.** 2001. Disponível em: <www.saude.gov.br/portalsaude.gov.br>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Doenças relacionadas ao trabalho:** manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; OPAS/OMS, 2001. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/seguranca%20e%20saude%20no%20trabalho/Saudedotrabalhador.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Política Nacional de Saúde do Trabalhador.** 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_seguranca_saude.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

_____. **Portaria Nº 1339, de 18 de novembro de 1999.** 1999b. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1999/prt1339_18_11_1999.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Portaria Nº 1125, de 6 de Julho de 2005.** Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1125_06_07_2005.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CAMARGO, B. V., WACHELKE, J. F. R., AGUIAR, A. **Contribuições para a Teoria e o Método de Estudo das Representações Sociais.** João Pessoa: UFPB, 2007.

CAMPOS, M. A. Indisciplina caminha para a agressão. *Jornal Gazeta do Povo.* 24 maio 2005.

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout:** O estresse ocupacional do professor. Canoas: Ulbra, 2010.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. *Psico*, v. 39, n. 2, p. 152-158. 2008.

CARVALHO, M. M. B. de. **O professor:** um profissional, sua saúde e a educação em saúde na escola, Tese Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CARVALHO, C. G., MAGALHÃES, S. R. Síndrome de Burnout e suas consequências nos profissionais de enfermagem. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 9 (1), p. 200-210, 2011.

CFM - CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução Nº 1488, de 06 março 1998.** Dispõe de normas específicas para médicos que atendam o trabalhador. 1998. Disponível em:

<http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1998/1488_1998.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Resolução Nº 1940, de 09 de fevereiro de 2010.** Altera o inciso III do artigo 10 da Resolução CFM nº 1.488, publicada no Diário Oficial da União, Seção I, página 150, em 6 de março de 1998, que dispõe sobre normas específicas para médicos que atendam o trabalhador. 2010. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1940_2010.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Cresce número de professores afastados por problemas psicológicos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/01/cresce-numero-de-professores-afastados-por-problemas-psicologicos.html>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

CHAGAS, S. O. **Legislação trabalhista e previdenciária.** Aracaju: UNIT, 2015.

CHAGAS, S. O.; LIMA, J. S.; MATOS, K. U. H. S. **Readaptação profissional de professores de escola de ensino fundamental.** FAMA – Faculdade Amadeus II Encontro Científico Multidisciplinar – Aracaju/SE – 17 e 18 de maio 2016. Disponível em: <<http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/READAPTACAO%20PROFISSIONAL%20DE%20PROFESSORES%20DE%20ESCOLA%20DE%20ENSINO%20FUNDAMENTA L.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

CODO, W. Trabalho Docente e Sofrimento: Burnout em Professores. In: AZEVEDO, J.; GENTIL, P.; KRUG, A.; SIMON, C.; **Utopia e Democracia na Educação Cidadã.** Porto Alegre; Universidade Porto Alegre; 2000.

CODO, W.; MENEZES, I. **O que é Burnout?** 2015. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/jornaldoprofessor/midias//arquivo/educacao3/Burnout.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

DEJOURS, C. O trabalho como enigma. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2004. p. 127-140.

DIAS, S.; QUEIRÓS, C.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout e fatores associados em profissionais da área da saúde: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. **Aletheia**, v. 32, n. 1, p. 4-21. 2010.

FARIAS, T. Q. **Acidente de Trabalho.** São Paulo: Anhanguera Editora Jurídica, 2011.

FONSECA, R. T. M. Saúde mental para e pelo trabalho. In: FERREIRA, J. J. (Coord.). **Saúde mental no trabalho: coletânea do fórum de saúde e segurança no trabalho do Estado de Goiás.** Goiânia, 2013. p. 138-157.

FRANÇA, H. H. A Síndrome de Burnout. **Revista Brasileira de Medicina**, v..44, p. 197-199, 1987.

- GIL-MONTE, P. R. **El syndrome de quemarse por el trabajo (burnout). Una enfermedad laboral en la sociedad del bienestar.** Madrid: Pirámide, 2005.
- GIL-MONTE, P. R.; CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. Prevalence of burnout in a sample of Brazilian teachers. *The European Journal of Psychiatry*, 25, p. 205-212, 2011.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- GOLEMBIEWSKI, R. T.; HILLER, R.; DALE, R. Some effects of multiple OD interventions on Burnout and work site features. *Journal of Applied Behavior Science*, v. 23, p. 295-313, 1987.
- GONÇALVES, T. B.; LEITÃO, A. K. R.; BOTELHO, B. S.; MARQUES, R. A. C.; HOSOUME, V. S. N.; NEDER, P. R. B. Prevalência de síndrome de *burnout* em professores médicos de uma universidade pública em Belém do Pará. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 9, n. 2, p. 85-89. 2011.
- JBEILI, C. **Burnout em professores: identificação, tratamento e prevenção.** Rio de Janeiro: SinproRio, 2008. Disponível em: <<http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/wp-content/themes/revistaonline/download/cartilhaSaude.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2016.
- JODELET, D. *Représentation sociale: Phénomènes, concept et théorie.* In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie sociale.** Paris: Presses Universitaires de France. 1990.
- _____. **Representações sociais, um domínio em expansão.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- _____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ (Org.), 2002, p.17-44.
- _____. **Loucuras e representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2005.
- LAHLOU, S. Difusão de representações e inteligência coletiva distribuída. In: ALMEIDA, A. M.; SANTOS, O. M. F.; TRINDADE, Z. A. T (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais, 50 anos.** Brasília: Technopolitik, 2011, p. 59-97.
- LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping.* New York: Springer, 1984.
- MANCIBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicol. Reflex. Crit. Rio Grande do Sul**, v.20, n.1, p. 74-80, 2007.
- MARQUES-PINTO, A. **Burnout Profissional em Professores Portugueses: Representações Sociais, Incidência e Preditores.** Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/11328>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

- MASLACH, C. Burnout: A multidimensional **perspective**. In: SCHAUFELI, W. B.; MASLACH, C.; MAREK, T. (Orgs.). **Professional Burnout: Recent developments in theory and research**. Washington, DC, 1993, p. 134-145.
- MASLACH, C.; JACKSON, S. E. *The measutente of experienced burnout*. Journal of Occupational Behavior, 2, p. 99-113. 1981.
- MASLACH, C.; JACKSON, S. E. **Maslach Burnout Inventory Manual**. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1996.
- MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job Burnout. **Annual Rewiew of Psychology**, 52, p. 397-422, 2001.
- MASLACH, C.; GOLDBERG, J. Prevention of Burnout: News Perspectivas. **Applied & Preventive Psychology**, p. 63-74, 1998.
- MAZON, V.; CARLOTTO, M. S.; CAMARA, S. Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores. **Arq. bras. psicol**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, p. 55-66, abr. 2008 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 02 jan. 2017.
- MAZZOTTI, T. B. **Investigando os núcleos figurativos como metáforas**. I Jornada Internacional sobre Representações Sociais. CD-ROM. Natal-RN, 1998, p. 1-12.
- _____. A metáfora percurso no debate sobre políticas educacionais no Brasil contemporâneo. In: VALE, J. M. F. et al., (Orgs.) **Escola pública e sociedade**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- MONTEIRO, A. L.; BERTAGNI, R. F. S. **Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais: Conceitos, processos de conhecimento e de execução e suas questões polêmicas**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- MOREIRA et al. Qualidade de vida no trabalho e síndrome de burnout em professores de educação física do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/viewFile/763/772>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- MOSCOVICI, S. La psychanalyse, son image et son public. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- _____. **A representação social da psicanálise**. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. **The phenomenon of social representation**. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Eds.). **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 62-86, 1984.
- _____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A Psicanálise, sua imagem e seu público.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. VIGNAUX, G. Le concept de thémata. Dans C. Guimelli (Ed.), **Structures et transformations des représentations sociales.** Neuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé, 1994.

NEVES, R. F.; NUNES, M. O. Da legitimação à (res)significação: o itinerário terapêutico de trabalhadores com LER/DORT. **Ciênc. Saúde coletiva.** Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 211-220, 2010.

NÓBREGA, S. M. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antônio Paredes (org.). **Representações sociais: teoria e prática.** João Pessoa: UFPB, 2001.

NUNES, B. O.; BRITO J. C.; ATHAYDE, M. Readaptação profissional e produção de sentido no trabalho de merendeiras e serventes. In: BRITO, J..et.al. (Orgs). **Trabalhar na escola? Só inventando o prazer.** Rio de Janeiro: Ipub-Cucs, 2001. p. 185-214.

OLIVEIRA, D. C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma Proposta de Sistematização. **Revista de Enfermagem,** UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

PONTES, C. S. Síndrome de Burnout como doença do trabalho. **Revista Jus Navegandi,** ano 20, n. 4220, jan. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/35655/caracterizacao-da-sindrome-de-burnout-como-doenca-do-trabalho>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SANTOS, E. C. M. **Representações Sociais da Psicologia do Trabalho:** O olhar de formandos em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Pará, 2010. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Eliana_Maues.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SOUZA, K. R.; BRITO, J. C. Sindicalismo, condições de trabalho e saúde: a perspectiva dos profissionais da educação do Rio de Janeiro. **Ciênc. Saúde coletiva.** Rio de Janeiro, v. 17. n. 2, p.379-388, 2012.

STEINER. P. A sociologia de Durkheim. Petrópolis: Vozes, 2016.

TABORDA, J. G. V.; JAEGER, C. A. M.; MEYER, L. F.; CHALUB, M. Perícias Psiquiátricas Previdenciárias e Administrativas. In: TABORDA, J. G. V.; ABDALLA-FILHO, E.; CHALUB, M. **Psiquiatria Forense.** Porto Alegre, 2012.

TST – TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Processo Nº TST - RR - 326600-65.2006.5.09.0012. Data de julgamento: 04/12/2013. Relator ministro Aloysio Corrêa da Veiga, 6ª turma. Data de publicação do acórdão: 06/12/2013. Disponível em: <<http://aplicacao4.tst.jus.br/consultaProcessual/resumoForm.do?consulta=1&numeroInt=216335&anoInt=2010>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Eu gostaria que você falasse sobre as atividades que desenvolve aqui nessa escola.
- 2) E antes, qual era o seu trabalho?
- 3) Fale um pouco das dificuldades que você encontrava (ou encontra) em seu trabalho...
- 4) E os aspectos positivos, quais são?
- 5) Você poderia dizer as razões que te levaram a mudar de atividade?
- 6) Você já ouviu falar da Síndrome de Burnout? O que te vem à mente quando eu menciono essa síndrome?
- 7) Como você definiria essa Síndrome?
- 8) Você sabe quais são as causas dessa síndrome?
- 9) Você sabe como pode ser feita prevenção dessa síndrome?
- 10) Você já teve conhecimento de outros professores com esse problema nesta escola? Como foi abordada a questão?
- 11) E esses professores? Você tem informações de como eles lidam com a questão e como agem?
- 12) E na escola, de maneira geral, como essa questão é enfrentada? Como é o apoio da gestão da escola?
- 13) Se a Síndrome de Burnout fosse uma outra coisa, por exemplo, um animal, um vegetal, um mineral, que coisa seria? Por que?
- 14) Você gostaria de acrescentar algo ao que nós conversamos ou sugere alguma coisa para o enfrentamento deste problema?

APÊNDICE B - INVENTÁRIO DE BURNOUT DE MASLACH (MBI) – VERSÃO PARA PROFESSORES

Legenda:

PA= Realização Pessoal no Trabalho

EE=Esgotamento Emocional

D= Despersonalização

			Nunca	Uma vez por ano ou menos	Uma vez por mês ou menos	Algumas vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Diário
			0	1	2	3	4	5	6
1	EE	Por causa do meu trabalho me sinto emocionalmente esgotado.							
2	EE	No final do dia eu estou exausto.							
3	EE	Eu me sinto cansado quando me levanto de manhã e tenho de enfrentar mais um dia.							
4	PA	Eu posso facilmente entender o que meus alunos pensam.							
5	D	Creio que trato alguns alunos como se fossem objetos.							
6	EE	Trabalhando com alunos todos os dias é uma tensão para mim.							
7	PA	Eu lido bem com os problemas que eu tenho os meus alunos.							
8	EE	Eu me sinto esgotado pelo trabalho.							
9	PA	Sinto que através do meu trabalho estou influenciando positivamente a vida dos outros.							
10	D	Eu acho que tenho um comportamento mais insensível com as pessoas desde que faço este trabalho.							
11	D	Preocupa-me que este trabalho esteja me “endurecendo” emocionalmente.							
12	PA	Encontro-me com muita vitalidade.							
13	EE	Sinto-me frustrado com meu trabalho.							
14	EE	Eu sinto que eu estou fazendo um trabalho muito difícil.							
15	D	Eu realmente não ligo para o que vai acontecer com alguns dos alunos que eu tenho que atender.							
16	EE	Trabalhar em contato direto com alunos me causa estresse considerável.							
17	PA	Eu tenho facilidade para criar uma atmosfera relaxante para os meus alunos.							
18	PA	Sinto-me encorajado depois de trabalhar com os alunos.							
19	PA	Eu fiz muitas coisas que valem a							

		pena neste trabalho.							
20	EE	No trabalho eu sinto que estou no limite da minha capacidade.							
21	PA	Sinto que se tratar de forma adequada os problemas emocionais no trabalho.							
22	D	Eu sinto que os alunos me culpam por alguns dos seus problemas.							

PONTUAÇÃO DE BURNOUT:

EE ALTA – acima de 27 D ALTA – acima de 10 PA ALTA – maior que 39
 EE MÉDIA – de 19 a 26 D MÉDIA – de 6 a 9 PA MÉDIA – 34 a 39
 EE BAIXA – abaixo de 19 D BAIXA – abaixo de 6 PA BAIXA – menor que 34